UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

SANDRA REGINA FRANCISCATTO BERTOLDO

**Investigação dialetológica no distrito de Nossa
Senhora da Guia: análise semântico-lexical de
*bamburro, tacuru e bateia***

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original se encontra disponível no CAPH da FFLCH (Centro de Apoio à
Pesquisa Histórica)

São Paulo
2012

SANDRA REGINA FRANCISCATTO BERTOLDO

**Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia:
análise semântico-lexical de *bamburro*, *tacuru* e *bateia***

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original se encontra disponível no CAPH da FFLCH (Centro de Apoio à Pesquisa Histórica)

De acordo: _____

São Paulo
2012

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **INVESTIGAÇÃO DIALETOLÓGICA NO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: análise semântico-lexical de *bamburro*, *tacuru* e *bateia***. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em Letras.

Aprovado em 28 de maio de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

FFLCH – USP

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof^a. Irenilde Pereira dos Santos

FFLCH – USP

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof^a. Mariangela de Araujo

FFLCH – USP

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof^a. Maria Inês Pagliarini Cox

UFMT - Externo

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. José Pereira da Silva

UERJ – Externo

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

A meus amores, Giovani e Sarah, Valdir e Marilene.

Sem eles, os projetos e sonhos pretendidos seriam improváveis e a vida não teria o mesmo sentido.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida pela parceria de tanto tempo, pela amizade compreensiva e pacienciosa, pelos conhecimentos divididos, pela motivação sempre presente, pelo estímulo e por todos os momentos de aprendizagem, conhecimento e vivência acadêmica.

Aos meus pais, Valdir e Marilene Franciscatto, na sua simplicidade e amor, pelo incentivo incansável e ouvidos atentos nos momentos de angústia. Seus ensinamentos baseados no amor e na fé são os pilares da minha vida. Aos meus irmãos Rudi e Roberto todo o meu carinho pela torcida e força – por meio de vocês, abraço também a Sandra, a Laura, a Lauren, a Maria Elisa e a Maria Helena. Torcida da família vale mais que qualquer estádio lotado!

Ao meu marido Giovani Regis Bertoldo pela paciência, compreensão, incentivo inesgotável, parceria em todos os momentos, apoio incondicional e por tudo, simplesmente tudo, o que é e o que representa nessa trajetória cheia de desafios que vivenciamos. Você sabe que chegamos juntos e este título, por extensão, também é seu!

À minha filha Sarah Franciscatto Bertoldo, que está comigo desde o início desse doutorado enfrentando as cansativas viagens e os desafios impostos pela distância e pelos necessários momentos de isolamento. Seu amor e inocência motivam a minha vida e me fazem acreditar que todo o esforço será compensado. À pequena (e ainda não nascida) Isabela Franciscatto Bertoldo que chega ao término deste trabalho e divide comigo as múltiplas emoções desta fase. Filhas, vocês são meus anjos enviado por Deus e a certeza da vida!

À minha amiga Roseli Veiga, parceira de muitos momentos, pelo incentivo e crença na minha capacidade de chegar até aqui.

À minha amiga paulista (hoje uma estrangeira) Luciana Pissolato pela atenção e carinho nos longos *e-mails* trocados e nos bons momentos de convivência e discussão intelectual.

À minha amiga recifense (hoje uma paulista nata) Érica Carneiro pelo carinho com que sempre me acolheu e pela alegria partilhada nas pequenas conquistas.

Aos Diretores das Instituições onde atuo: Faculdade Anhanguera de Rondonópolis – Prof. Me. Leandro Genoíno Cerutti – e Centro Educacional Khalil Zaher – Prof^a. Mara Mongelli Zaher – pelo incentivo, compreensão e apoio nos momentos de afastamento.

Aos muitos amigos e colegas de trabalho.

Aos professores do programa e aos membros da banca de qualificação e de defesa – partícipes desse momento e grandes colaboradores do trabalho desenvolvido.

A todos não nomeados, porque a memória já se mostra cansada, mas que, certamente, participaram e estiveram presentes ao longo deste período.

RESUMO

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **INVESTIGAÇÃO DIALETOLÓGICA NO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: análise semântico-lexical de *bamburro*, *tacuru* e *bateia***. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

Dedicada a investigar o léxico dos moradores do Distrito de Nossa Senhora da Guia a partir das lexias *bamburro*, *tacuru* e *bateia* registradas na fala dos idosos na pesquisa desenvolvida em 2007, esta tese busca elementos que contribuam para a identificação e justificativa do movimento da língua na localidade, trazendo subsídios para a verificação de manutenção, mudança e/ou variação semântico-lexical. Para tanto, a pesquisa se utiliza do instrumento da coleta *in loco*, com aplicação de questionário para os três grupos sociais estabelecidos de sujeitos de pesquisa, constituídas a partir das bases teórico-metodológicas apresentadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e dos resultados já obtidos em Bertoldo (2007), bem como, dos recursos sugeridos pelo método da conversa semi-dirigida como elemento agregador para obtenção de registros mais próximos possíveis da fala real dos moradores investigados. Assim, são delimitados como sujeitos de pesquisa neste estudo: 1. Moradores com idade igual ou superior a 60 anos; 2. Moradores na faixa etária de 30 a 59 anos e; 3. Moradores com idade entre 19 e 29 anos, com atenção às variáveis sexo, profissão e grau de instrução na configuração dos pesquisados, de modo a buscar certa coesão entre as realizações orais dos componentes do grupo de investigação. As análises feitas na busca da delimitação de *manutenção ou variação* são formuladas a partir da observação das aceções registradas nos dicionários tomados para este trabalho, mas, especialmente, na utilização da lexia no contexto de fala e na evidência de uso corrente; assim que, tem-se, de imediato, a ponderação de que os primeiros registros feitos no falar do grupo de idosos (Bertoldo, 2007) são, praticamente, inexistentes na fala dos moradores mais jovens e, por vezes, se mostram também bem pouco produtivos na fala corrente do grupo de idosos constituído para a pesquisa de 2011. Desse modo, pretende-se, com os resultados alcançados ao longo desta tese, acrescentar novos

dados às análises desenvolvidas em 2007, para contribuir com os trabalhos de campo e estudos que visam a determinar as características e isoglossas das variedades do português falado no Brasil.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Geolinguística e dialetologia. Distrito de Nossa Senhora da Guia. Estudo semântico-lexical.

ABSTRACT

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **DIALECTOLOGICAL INVESTIGATION IN “DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA”:** lexical- semantic analysis of *bamburro*, *tacuru* and *bateia*. 2012. Doctoral Thesis – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences (USP), São Paulo, 2012

This thesis is aimed at investigating the lexicon of the villagers from “Distrito da Guia” in Mato Grosso, Brazil departing from the lexica *bamburro*, *tacuru*, and *bateia* found in the elderly people’s speech that took part in the 2007 research. The point of this thesis is to search elements that help the identification and the justification of the movement of the language in that specific studied area, bringing forth the benefits for the maintenance check, change and / or lexical-semantic variation. To do so, the data collection instrument was used *in loco*, with the use of a questionnaire for the three established categories of subjects, constituted from the theoretical and methodological bases shown in the Linguistic Atlas of Brazil, as well as, the results taken from Bertoldo (2007), and the features suggested by the method of semi-structure interviews, as an aggregating element, in order to obtain the closest records of the speech of the residents investigated. Therefore the research subjects involved in this study were: 1. Residents aged 60 years or over; 2. Residents aged between 30 and 59 year and; 3. Residents aged between 19 and 29 years. It has been considered variables like sex, occupation, and education level of all of the participants in order to get some cohesion between the oral language ability of the components from the studied group. The analyses made in search of the delimitation of the *maintenance* or *variation* are based on the study of the meanings presented in the dictionaries, but especially based on the use of the lexia presented in the speech, and on the evidence of current use. Therefore it has been noticed that the first records, which were presented in the speech of the elderly group (Bertoldo 2007) are very unusual in the speech of the younger residents. Moreover, the same records are, sometimes, rarely noticeable in the speech of the elderly people interviewed during this research in 2011. It is intended, with the results from this thesis, to add new data to the analyses developed in 2007 and, thus, contribute to the field

work and studies that aim at establishing the characteristics and isoglosses of varieties of Portuguese spoken in Brazil.

Key words: Portuguese Language. Geolinguistics and dialectology. Distrito de Nossa Senhora da Guia. Study lexical-semantic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem fotográfica de Santo Antônio – ponteira de bandeira	35
Figura 2	Portal distrito de Nossa Senhora da Guia	39
Figura 3	Avenida de acesso ao distrito	40
Figura 4	Subprefeitura da Guia	40
Figura 5	Ponte de Ferro	41
Figura 6	Ponte de Ferro – vista frontal	42
Figura 7	Ponte de Ferro – vista frontal em detalhes	42
Figura 8	Ponte de Ferro – vista frontal em detalhes	43
Figuras 9 e 10	Rio Coxipó-Açu	43
		44
Figuras 11 e 12	Praça Central da Guia	45
Figuras 13 e 14	Capela Nossa Senhora da Guia	46
		47
Figura 15	Igreja Nossa Senhora da Guia	47
Figuras 16 e 17	Casas de adobe	48
Figura 18	Cupinzeiro.....	66
Figura 19	Tacuru	66
Figura 20	Bateia	67
Figura 21	Tacuru	84
Figura 22	Bamburro	84
Figura 23	Bateia	84
Figura 24	Tacuru de pedra canga	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Crescimento populacional	29
Tabela 2	Perfil dos informantes por sexo e faixa etária	78
Tabela 3	Perfil dos informantes por sexo e grau de escolaridade	78
Tabela 4	Perfil dos informantes por idade e grau de escolaridade	79
Tabela 5	Ocorrências entre os idosos	90
Tabela 6	Ocorrências na faixa etária de 19 a 59 anos	91
Tabela 7	Dados comparativos entre os idosos	113
Tabela 8	Dados comparativos entre os informantes de 19 a 59 anos	114
Tabela 9	Comparativo das ocorrências – dados conclusivos	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL	20
1.1 CUIABÁ – CAPITAL MATO-GROSSENSE: PRINCÍPIO DA COLONIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DE FREGUESIAS E DISTRITOS	23
1.2 DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: SITUAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA E INVESTIGAÇÃO	30
1.3 GUIA EM IMAGENS: UM PASSEIO PELO <i>LOCUS</i> DA PESQUISA ...	38
CAPÍTULO II – DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	50
2.1 AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	54
CAPÍTULO III – SUJEITOS DA PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO E PERCEPÇÕES	70
3.1 PAPEL DO PESQUISAR/INQUIRIDOR NO <i>LOCUS</i> DA PESQUISA ...	71
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	74
3.3 MORADORES DO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: SUJEITOS DA PESQUISA E INFORMANTES DA HISTÓRIA	76
CAPÍTULO IV – BAMBURRO, TACURU E BATEIA: LEXIAS ESTUDADAS	83
4.1 BASES TEÓRICAS	85
4.2 TABELAS DE OCORRÊNCIAS	87

4.3	ESTUDO DAS LEXIAS <i>BAMBURRO</i> , <i>TACURU</i> E <i>BATEIA</i> : ACEPÇÃO, OCORRÊNCIA E CONTEXTO DE USO NO FALAR DOS ESTUDO DAS LEXIAS <i>BAMBURRO</i> , <i>TACURU</i> E <i>BATEIA</i> : ACEPÇÃO, OCORRÊNCIA E CONTEXTO DE USO NO FALAR DOS MORADORES DA GUIA	92
4.3.1	Lexia de entrada <i>bamburro</i> e suas variantes	93
4.3.2	Lexia de entrada <i>tacuru</i> e suas variantes	97
4.3.3	Lexia de entrada <i>bateia</i> e suas variantes	104
	CONCLUSÃO	110
	REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

As palavras brotam, escorregam, se enfeitam e se estropiam na voz do povo que as utiliza e as carrega para onde vai, misturando-as com as outras ali existentes, dando-lhes matizes e sabores tão diversos e curiosos [...]
(NOGUEIRA, 1998)

O estudo do léxico, ao explorar, registrar e analisar as variedades da língua em seu uso corrente e cotidiano, tem se mostrado bastante produtivo e possibilitado que se compreenda, cada vez mais, a *língua* como resultado das interferências socioculturais e dos contextos históricos vivenciados nos processos de expansão e consequente desenvolvimento dos povos.

Nesse direcionamento trazemos os resultados da pesquisa semântico-lexical efetivada no Distrito da Guia, os quais estão pautados nos estudos e metodologias apresentados pelas bases dialetológicas e sociolinguísticas, tendo, nas análises, a contribuição da etnografia para compor o cenário linguístico atual desse *locus*.

Esta tese, que dá continuidade aos estudos iniciados no mestrado (BERTOLDO, 2007)¹, agrega novos elementos às análises feitas naquela oportunidade, ampliando o olhar sobre as escolhas lexicais dos sujeitos da pesquisa.

Assim, ao investigar as opções lexicais feitas pelos moradores de diferentes faixas etárias do distrito de Nossa Senhora da Guia, pretendemos compreender os processos linguísticos ocorrentes nesse local. Teríamos a confirmação da variação semântico-lexical apenas no falar dos mais jovens? Seria possível registrar essa variação também no falar dos idosos? A manutenção seria um fator de maior

¹ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, em 2007, tendo como título “Estudo semântico-lexical no Distrito de Nossa Senhora da Guia”

evidência no falar dos grupos investigados na Guia? Que elementos justificariam o cenário vislumbrado nesse *locus*? Estas indagações eram latentes no início da pesquisa e nos instigavam a ampliar a rede de informantes para verificar se, em uma localidade de mais de 200 anos de história, a *modernização* na linguagem havia acompanhado as mudanças socioculturais da região onde está inserida.

Desse modo, pautamo-nos na dialetologia, com suas teorias e métodos a direcionarem os trabalhos de investigação das múltiplas variedades do falar, intencionando sublinhar as fronteiras linguísticas que se estabelecem nos rincões mato-grossenses e, ao mesmo tempo, reconhecer sua estreita relação com os falares registrados das demais regiões brasileiras. Embasamos nossas discussões na sociolinguística, compreendendo ser a língua uma realização social e, por isso, não podendo estar desvinculada dos demais elementos que constituem e formam os grupos e a sociedade. Além disso, buscamos auxílio na etnografia para entender que fenômenos e mudanças socioculturais influenciaram (ou influenciam) as escolhas lexicais feitas pelos informantes da Guia.

É preciso enfatizar, nesse sentido, que as pesquisas a investigarem o léxico, nas suas mais variadas formas e por múltiplas razões, estão motivadas nas obras dos precursores dessas áreas do saber; ora pela dialetologia de Amadeu Amaral, com o seu *O Dialeto Caipira*, ora pela geolinguística, evidenciada por Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi e, em vista disso, esse tipo de estudo que envolve a *descoberta*, já é, por si só, um motivador inesgotável de perspectivas.

Assim, tomados pela curiosidade provocada pelos experimentos feitos no mestrado, os quais visavam, exclusivamente, a apontar lexias de manutenção e/ou a mudança semântico-lexical, decidimos retornar ao distrito de Nossa Senhora da Guia, pautando esta nova investigação nos elementos já trabalhados os quais renderam análises produtivas e determinantes na compreensão das fronteiras linguísticas e, então, investigar, não mais apenas a fala dos idosos, porém as ocorrências nas falas dos mais jovens para identificar se, nesse *falar*, os traços linguísticos dos avós e/ou pais se mostravam presentes, pois são eles quem darão continuidade à história local.

Para tanto, selecionamos três lexias que, em pesquisas anteriores, evidenciaram *manutenção semântico-lexical* no falar dos idosos, *com e sem variação* no falar dos informantes mais jovens, pois entendemos que, se não houver manutenção neste último grupo investigado, a lexia tende ao desaparecimento.

Extraímos daquela dissertação as palavras *bamburro*, *bateia* e *tacuru*, por ter ficado evidente, nas análises finais, que a lexia ***tacuru*** está presente em 15,15% do léxico utilizado pelos entrevistados da pesquisa, denotando manutenção da lexia de entrada com variação idêntica com ou sem acréscimo. ***Bamburro*** figurou no grupo de palavras sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no grupo dos jovens entrevistados, perfazendo 51,51% das lexias utilizadas pelos informantes. Já a palavra ***bateia*** foi empregada pelo grupo dos idosos, inexistindo para o grupo de faixa etária mais jovem, embora considerada como um elemento semântico usado por “extensão de significado”.

Além de direcionarmos nossa opção pelos percentuais evidentes na pesquisa desenvolvida em 2007, tal escolha se justifica por considerarmos a necessidade de investigar:

1º. se a manutenção desses elementos é evidente apenas no grupo dos informantes idosos já pesquisados;

2º. se há indícios de manutenção dessas lexias no falar de um novo grupo de sujeitos-informantes pertencentes à categoria de pesquisados, com idade superior a 60 anos;

3º. se, nos recortes da faixa etária *adultos e jovens*, as lexias *bamburro*, *bateia* e *tacuru* se inovam, apontando para variações e mudanças lexicais, sendo reconhecidas, contudo, como elementos exclusivos no falar dos idosos pertencentes ao mesmo núcleo familiar;

Ou ainda,

4º. se há total variação desses termos, em virtude do completo desconhecimento do grupo dos informantes mais jovens quanto a seu uso, aplicação e conteúdo semântico.

Isto posto, cabe-nos, ainda, o questionamento sobre se os termos em estudo (e suas variantes), utilizados pelos idosos do Distrito de Nossa Senhora da Guia, são comuns no falar dos grupos de contraprova²; se se destacam, apenas, como resquícios culturais de geração passada, sendo modernizados e alterados pelo núcleo mais jovem da localidade, ou, ainda, se os idosos – já influenciados pelas mudanças socioculturais latentes à nova geração – também alteram seu léxico como condição de interação com os grupos sociais que se estabelecem nas novas sociedades deste século.

Para responder a estas perguntas-problema e levantar dados que comprovem as análises iniciais (BERTOLDO, 2007), delimitamos os grupos de investigação a partir dos requisitos propostos pelo ALiB, focando, no entanto, em um perfil de sujeitos de pesquisa que atenda aos objetivos pretendidos na coleta *in loco* no distrito da Guia e considere, por conseguinte, as hipóteses levantadas.

Deste modo, retornamos ao grupo dos idosos pesquisados no mestrado e delimitamos novo grupo dessa categoria (“novos idosos” – acima de 60 anos) e determinamos um grupo para a contraprova, com o qual trabalhamos com informantes mais jovens, divididos em: moradores na faixa etária de 19 a 29 anos, e informantes com idade entre 30 a 59 anos; isso por entender que o recorte social *idade* modifica os termos *bamburro*, *tacuru* e *bateia*, embora não se mencione ou identifique tais lexias como sinônimas de *matagal*, *fogão de mato* ou *vasilha/prato*; afinal, de um modo geral, os moradores do núcleo jovem do distrito de Nossa Senhora da Guia (recorte social/faixa etária de 19 a 29 anos) modernizam esses termos e só os reconhecem, quando inquiridos de modo direto e objetivo, como sendo um vocabulário típico dos mais velhos.

Identificamos, enquanto pesquisadores da linguagem, que a divisão dos falantes em grupos sociais, tais como: idade, sexo e grau de instrução, determinam as diferenças semântico-lexicais, pois, como bem sublinha Câmara Jr. (1977), o falar é essencial para exteriorizar o psíquico do sujeito falante e ter uma demonstração

² Nomeamos de “contraprova” os grupos de informantes constituídos para verificar a manutenção ou inovação/modernização das lexias em pesquisa.

espontânea daquilo que carrega como “seu”, em um universo mais emotivo que prático.

Frente a isso, queremos reconhecer, na linguagem produzida por esse grupo, elementos que denotem *lexias em manutenção, variação e/ou mudança*, a partir das evidências semântico-lexicais, compreendendo, ainda, que “a língua nos fornece as formas para estabelecer e dar a conhecer na comunicação social as nossas representações de um mundo objetivo e de um mundo interior.” (CÂMARA JR, 1977, p.13)

Os resultados dessa movimentação em prol da investigação linguística e a discussão a partir das hipóteses estabelecidas compreendem grande parte deste trabalho e, por isso, a tese está assim organizada:

O primeiro capítulo apresenta o *locus* da pesquisa - distrito de Nossa Senhora da Guia – pontuando sobre sua localização, seus aspectos históricos e sobre seus colonizadores, os quais estão estreitamente ligados às escolhas lexicais feitas, especialmente, pelos idosos, remetendo-nos aos aspectos da colonização com a exploração de ouro, caça a índios como produto escravo, entre outras aventuras (e desventuras) nas terras mato-grossenses.

Para tanto, esse capítulo parte da cidade a que o distrito da Guia está ligado administrativamente – a capital mato-grossense: Cuiabá – apresentando alguns elementos histórico-culturais que permitem caracterizar Guia como local de investigação semântico-lexical a partir de sua história e constituição étnica. Esse texto ainda está composto de imagens registradas nas visitas feitas ao local de investigação e que contribuem na identificação do *locus* e no seu reconhecimento.

O segundo capítulo discute as bases metodológicas em que se assenta a pesquisa, fazendo breve relato dos trabalhos publicados nessa área e o porquê da determinação da dialetologia, da sociolinguística e da etnografia para esta tese. Ademais, esse capítulo trata dos instrumentos e métodos de pesquisa aplicados no distrito da Guia, tendo os pesquisados ora como informantes, ora como sujeitos da investigação.

O terceiro capítulo caracteriza e determina os sujeitos da pesquisa, peças fundamentais e indispensáveis à investigação semântico-lexical. Nesse texto, apresentamos os informantes do distrito da Guia divididos em recortes e variáveis sociais, com dados que caracterizam esses grupos e auxiliam na análise das lexias investigadas.

As tabelas com as lexias coletadas e sua investigação, a partir dos contextos de utilização, compõem o último capítulo desta tese. Nele, são transcritas as respostas e comentários dos informantes, bem como as acepções registradas nos dicionários tomados para este trabalho, situando cada lexia em estudo nos contextos de aplicação e nos motivadores para tal.

Por fim, a conclusão apresenta as análises finais deste trabalho, respondendo às perguntas iniciais, retomando as hipóteses elencadas e, assim, caracterizando o cenário linguístico do distrito de Nossa Senhora da Guia.

Como uma atividade este porte nunca se encerra em si mesma, ao contrário disso, ela provoca novos posicionamentos e arguições, este último texto finaliza a discussão pretendida para esta tese, mas não tem a pretensão de dar por encerrados os trabalhos de investigação semântico-lexical nessa região que, certamente, muito tem a dizer sobre a passagem das bandeiras paulistas e sua influência na cultura, na história e na linguagem do povo que aqui se estabeleceu e formou o que hoje reconhecemos como o maior Estado produtor do Brasil.

Conforme destacou Gnerre (2009, p.8): “escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais”. Por isso, cremos que, como falantes, muito ainda teremos por discutir acerca das escolhas que os homens efetuam para se fazerem entender ao longo da história e com grupos diferentes.

CAPÍTULO I

DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA:
constituição histórica e sociocultural

O distrito de Nossa Senhora da Guia está localizado a 40 km da capital mato-grossense – Cuiabá – e, devido a essa proximidade, bem como pela garantia de transporte coletivo diário, Guia participa da vida cuiabana com proveito do comércio diversificado, atendimento médico-hospitalar especializado, oferta de ensino superior e atrações artístico-culturais inexistentes no lugarejo.

Essa condição de fácil acesso a Cuiabá não altera, contudo, algumas características típicas das localidades do interior (perceptíveis a qualquer visitante), como as conversas tranquilas na calçada em frente à casa ou à pracinha central, os cortejos religiosos que “Imolam os santos protetores”, o fogão de canga para uma comida mais demorada e o encontro em frente ao bar que também dá lugar à parada principal dos ônibus que vêm da capital.

A Ponte de Ferro da Guia, construída em 1907, com peças trazidas da Inglaterra, o Casario de adobe com largas portas e janelas em madeira, a Igrejinha Nossa Senhora da Guia erguida de pau a pique no século XIX, as histórias e lendas contadas pelos seus moradores mais antigos, os quais apreciam a arte dos *causos* como garantia de pertencer a essa localidade e fazer parte de sua história constituem o cenário histórico do distrito da Guia. Tudo isso relembra os primeiros moradores dessa parte do cerrado, que muito contribuíram para o desenvolvimento de Cuiabá e região.

Então, para buscarmos compreender as relações que se estabelecem entre história, cultura e opções linguísticas feitas pelos moradores da Guia, observaremos:

1. Os registros documentais da história local na narrativa de Anibal Alencastro³ com ênfase à constituição étnica da Guia; 2. Guia pelo olhar dos seus moradores numa perspectiva de crescimento e desenvolvimento local; 3. O *falar* de Guia, por meio da coleta e análise semântico-lexical.

A partir de tais pontos, queremos compreender as motivações e as realizações linguísticas, partilhando, para isso, das reflexões de Rodríguez (2002, p.

³ Morador que escreveu e publicou a obra que utilizamos como aporte teórico para as narrativas sobre o Distrito da Guia.

38), ao discutir o fenômeno da transculturação em relação às mudanças do falar, destacando que:

La palabra es signo de devenir, del proceso sociohistórico de toda comunidad hablante, así como de sus creencias, valores y vivencias. Es la expresión de la vida de un pueblo, el medio para acercarnos a la comprensión de su realidad, de su pertenencia a un espacio.

Claro está, contudo, que nossa pretensão não é discutir transculturação, mas entendemos que o cenário linguístico de hoje é, de fato, o resultado dessa interação entre diferentes culturas em um mesmo espaço territorial e, por isso, há que se investigar o falar numa perspectiva etnográfica.

Frente a isso, cabe-nos, prioritariamente, apresentar o *locus* da pesquisa. E, para tanto, como Guia está ligada administrativamente a Cuiabá, partimos dos principais fatos históricos da formação dessa cidade, para pontuar questões que possam levar à compreensão dos registros lexicais feitos no distrito, os quais permitem evidenciar a interferência dos primeiros colonizadores.

Assim é que, neste capítulo, traremos um breve panorama de Cuiabá para, então, apresentar as informações do distrito de Nossa Senhora da Guia – local da pesquisa e investigação semântico-lexical.

1.1 CUIABÁ – CAPITAL MATO-GROSSENSE: princípio da colonização e fortalecimento de freguesias e distritos

O estado de Mato Grosso é reconhecido por suas riquezas naturais, pela excentricidade dos animais selvagens que habitam as áreas preservadas das fazendas, pelo Pantanal Mato-Grossense e, especialmente, pela tecnologia de ponta que converte solos arenosos em lavouras de alta produtividade e potencial agrícola.

Nesse universo, convivem, também, grupos indígenas já modernizados pelo contato com os colonizadores ou em total isolamento, o que sugere que esses grupos ainda mantêm sua história e hábitos⁴ distanciados da influência do “homem

⁴ A esse respeito, o “Portal Mato Grosso” registra que: “no Estado de Mato Grosso, existem, pelo menos oito grupos indígenas ainda sem contato. A dificuldade em efetuar um levantamento preciso de dados referentes a estes é inerente às circunstâncias que os envolvem, considerando-se os constantes deslocamentos e esconderijos sob o manto protetor da floresta, onde pretensamente acreditam-se salvaguardados da destruição civilizatória.” Disponível em: <http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=262&cid=651>

branco”. Essa realidade provoca a curiosidade em “desvendar” o Estado sempre sob novos olhares, conhecendo seus costumes e suas tradições, quer seja pelos hábitos cotidianos, quer seja por sua escolha e produção lexical.

Em vista disso, embasados nos registros históricos trazidos por Siqueira *et alii* (1990), bem como nas obras de Ferreira (2001), repassamos um pouco da história de Mato Grosso e, especialmente, de Cuiabá.

1718 - início das expedições em solos mato-grossenses tendo como atividade principal a caça e comercialização de índios

O século XVIII marca a passagem das bandeiras paulistas pelos rincões mato-grossenses, as quais, segundo a história, foram os primeiros exploradores dessas terras, objetivando a caça e o aprisionamento de índios para serem comercializados como mão de obra escrava.

08 de abril de 1719 - fundação da capital mato-grossense pelos bandeirantes pascoal Moreira Cabral e Miguel Sutil, às margens do rio Prainha

Siqueira *et alii* (1990) destacam ter sido pela caça aos índios Coxiponés – povo que dominava a região e era temido por suas flechas certeiras e mortíferas – que a bandeira de Antonio Pires de Campos rumou a Mato Grosso e atingiu o rio Coxipó, seguido pela bandeira de Pascoal Moreira Cabral Leme, em 1719.

Ambos desconheciam a fama de guerreiros dos Coxiponés e vislumbravam uma *preança* farta e com bons lucros. Porém, o cenário encontrado foi devastador; a bandeira de Pascoal Moreira Cabral enfrentou a fúria dos habitantes locais e viu sua expedição ser praticamente dizimada pelos indígenas, necessitando aportar às margens do rio Coxipó para tratar dos homens que sobreviveram ao ataque e reorganizar o grupo de exploradores (FERREIRA, 2001).

Nesse ínterim, a expedição de Moreira Cabral Leme teve de cultivar plantações para suprimento imediato da bandeira e, nas incursões pelas margens do rio, os bandeirantes localizaram as primeiras pepitas de ouro. Frente à nova descoberta, os objetivos primeiros da bandeira foram convertidos para a exploração da riqueza mineral; a caça aos indígenas exigia embates longos e desgastantes e os índios se mostravam mais resistentes do que o esperado (SIQUEIRA *et alii*, 1990).

A “boa nova” chegou aos ouvidos de toda a sorte de gente que, ignorando qualquer preocupação com quantidade, qualidade e/ou extensão das lavras, organizou monções compostas de “religiosos, funcionários do governo, comerciantes, profissionais liberais, escravos e aventureiros” que se lançaram de São Paulo a Cuiabá em busca de se estabelecer, explorar a terra e constituir novos povoados para a Coroa.

Nesse sentido, acrescentam Siqueira *et alii* (1990, p.10):

O ouro em Mato Grosso teve um período rápido de existência, não proporcionando, como aconteceu em Minas Gerais, uma evolução e desenvolvimento da vida urbana. [...] O ouro de Mato Grosso, além de aluvional não foi suficiente para aqui estabelecer uma sociedade marcada por sua existência, mas, ao contrário, durante o período da mineração, o que se assistiu foi a um cenário de fome, pobreza e miséria.

A busca insana pela riqueza rápida, mesmo que nem sempre fácil, gerou um aumento populacional desordenado que “resultou na escassez de produtos e na elevação dos preços dos mesmos”. (*Idem*)

Se não bastasse o cenário de completa desorganização populacional, em dois anos os veios auríferos do rio Coxipó se esgotaram, sobrando miséria,

desolação e grande quantidade de trabalhadores sem as mínimas condições de vida.

As margens do rio estavam devastadas e nada mais se encontrava nesse local do que imperceptíveis pepitas de ouro que pouco, ou quase nada, beneficiavam os mineradores. Portanto, era necessário buscar novos locais de exploração mineral ou outros meios de subsistência.

Ciente dessa realidade, Miguel Sutil veio a Mato Grosso com o objetivo de cultivar a terra e desenvolver a agricultura local. Afinal, era necessário seguir com o processo de desenvolvimento, além de atender às famílias que já estavam estabelecidas em solo mato-grossense.

Para isso, Sutil contou com a habilidade dos indígenas a fim de explorar o local e preparar a terra para a plantação. Também sob seu comando, os índios encontraram o maior veio aurífero da região após se embrenharem na mata em busca de mel. A “Lavra de Sutil” ou “Tanque de Arnesto”, como o local dessa nova descoberta foi denominado, estava localizado à beira do córrego da Prainha e deu origem à cidade de Cuiabá (FERREIRA, 2001).

Mais uma vez, os planos de expansão territorial se aqueceram com a descoberta do ouro e, com isso, “ocorreu um aceleração do processo de interiorização, primeiramente pela ação dos bandeirantes e, depois, pela vinda de migrantes: tropeiros, monçoeiros, mineiros, criadores de gado, clérigos, profissionais liberais e agricultores” interessados nas riquezas que se poderiam extrair dessas terras ou se produzir nelas (SIQUEIRA *et alii*, 1990, p. 15).

Nas palavras das historiadoras acima citadas, Mato Grosso só ganhou destaque nacional e passou a fazer parte da História do Brasil “no momento em que os bandeirantes paulistas aqui encontram ouro, pois o “garimpo” de índios não tinha a relevância histórica da extração do minério [...]”. Mesmo assim, é preciso enfatizar que a “Lavra de Sutil” impulsionou a vinda de migrantes de diferentes regiões brasileiras, os quais povoaram, colonizaram e construíram o estado de Mato Grosso que temos hoje.

Passadas as intempéries do processo inicial de colonização do Estado pelos bandeirantes paulistas, Cuiabá (primeiro município criado em Mato Grosso e do qual “derivam todos os municípios que compõem hoje os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia”⁵), por sua privilegiada posição geográfica⁶, conquistou hegemonia em 17 de setembro de 1818, quando foi elevada à categoria de cidade, passando à condição de capital em 1825 em uma disputa política com Vila Bela da Santíssima Trindade. Este *status*, contudo, só se confirmou em 19 de agosto de 1835, após longos enfrentamentos pelo poder da capitania, uma vez que Cuiabá “ostentava o brilho comercial” que faltava a Vila Bela, em virtude da comercialização do látex.

Tamanha foi a expansão territorial vivida pelo lugar (primeiro pela exploração dos veios auríferos e, em seguida, pela extração e comercialização de látex) que, na segunda metade do século XIX, Cuiabá era tida como importante cidade brasileira, com destaque a seu potencial econômico para a capitania.

Contudo, para se chegar a esse patamar de desenvolvimento, a cidade enfrentou o óbice das disputas políticas, embates fronteiriços com invasões estrangeiras, epidemias e abandono territorial da população, os quais, praticamente, devastaram o local, como destaca a historiadora Volpato (1993, p. 32):

(...) Em dezembro de 1864, as tropas paraguaias invadiram o sul da província de Mato Grosso, conquistando áreas e bloqueando a navegação do Prata; em fevereiro seguinte, as cheias do rio Cuiabá causaram volumosa inundação que devastou grande parte do bairro do Porto, bem como as plantações ribeirinhas especialmente as situadas em Rio Abaixo. A partir de julho de 1867, a população cuiabana se viu assolada pela epidemia da varíola, que causou muitas baixas e trouxe inúmeros padecimentos a pessoas já abatidas pelos sofrimentos anteriores.

Além das dificuldades naturais ou externas, Cuiabá enfrentou problemas gerados pela falta de estradas que inviabilizavam o acesso terrestre de produtos e pessoas, os quais tinham como único caminho possível o das águas – não tão atraente para muitos comerciantes e personagens políticos influentes.

⁵ (FERREIRA, 2001, p. 442).

⁶ Em 1909, a cidade de Cuiabá foi reconhecida como *Centro Geodésico da América do Sul*.

“As ruas de Cuiabá foram abertas nas patas dos cavalos e dos muares, estabelecendo um trajeto de ‘trieiros’. Não foram traçadas por teodolito nem em pranchetas de arquitetura, como por exemplo, Goiânia, Brasília, Belo Horizonte...”⁷

Na segunda metade do século XIX, a cidade recobrou sua força político-econômica com obras voltadas à infra-estrutura e equipamentos urbanos; destacou-se como polo avançado no interior brasileiro e, como centralizava uma região produtiva, Cuiabá ganhou evidência pela produção agroindustrial açucareira e extração de látex.

O século XX marca o progresso da capital cuiabana com a abertura das vias terrestres e aéreas:

[...] a ligação rodoviária com São Paulo e Goiás e a aviação comercial, a partir de 1940, trouxeram o desenvolvimento da capital. O grande marco de crescimento, no entanto, tem início na década de 70, quando o Governo Federal inicia o programa de povoamento do interior do País, oferecendo vantagens para os interessados. Em cinco anos, de 1970 a 1975, a população passou de 83 mil para 127 mil pessoas.⁸

Segundo dados do IBGE⁹, a população de Cuiabá, em 2010, atingiu 551.350 habitantes, espalhados em um território de 3.363 km².

Com 291 anos de fundação (sendo destes, 175 anos de *status* de capital), Cuiabá configura-se como uma das cidades que mais recebe migrantes, e isso denota uma curva de crescimento populacional contínua. Sua expressiva configuração econômica¹⁰ no cenário nacional e internacional, bem como sua

⁷ Trecho extraído do sítio do governo de Mato Grosso (www.cuiaba.mt.gov.br/secretaria) escrito com base no livro de Moisés Martins Junior Mendes, “Revivendo e Reciclando a Cultura Cuiabana”, de 2006.

⁸ Informação disponível em <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=145&cid=460>

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível no sítio <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 21/jan/2010.

¹⁰ “**Desenvolvimento econômico** - Mais de 20 anos após a formação de dois estados, Mato Grosso, que ficou com a região menos rica, apresenta crescimento expressivo. A principal força econômica está na agricultura, cujo crescimento é demonstrado por recordes na produção de soja e de algodão. Desde a divisão, a área plantada aumenta quatro vezes e a produção, 760%. A produtividade média da soja é de 2,8 mil kg por ha, igual à norte-americana e 20% superior à brasileira. A explosão

população receptiva e *miscigenada*¹¹ permite que essa movimentação migratória permaneça, se não com a mesma força dos tempos idos, mas em ritmo superior aos índices nacionais.

A tabela abaixo, formulada a partir dos dados populacionais fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), subsidia a análise do crescimento populacional visto e vivenciado por quem reside no Estado de Mato Grosso e, especialmente, em Cuiabá:

Tabela 1 – Crescimento populacional

	Total de População em 2000	Total de População em 2010	Taxa de Crescimento*
Brasil	169.799.170	190.732.694	12.328%
Região Centro-Oeste ¹²	11.616.742	14.050.340	20.949%
Mato Grosso	2.504.353	3.033.991	21.149%
Cuiabá	483.346	551.350	14.070%

(*) Cálculo aproximado feito a partir dos dados apresentados nas colunas 1 e 2 (IBGE 2000 e 2010).
Responsável: BERTOLDO, 2011

O crescimento evidente aos olhos daqueles que chegam a Cuiabá se deve, também, às localidades circunvizinhas da capital. Se olharmos, mais uma vez, para

agrícola multiplica o número de cidades: na época da divisão do estado, o norte tinha 38 municípios, hoje conta com 130. Nessas cidades interioranas, a maioria da população veio da Região Sul e impôs seus hábitos, como o chimarrão e o churrasco. Na capital, Cuiabá, a cultura pantaneira continua prevalecendo, apesar de pelo menos metade de seus quase mais de quinhentos mil habitantes ser formada por 'forasteiros'." Comentário e informações disponíveis em: http://www.portalbrasil.net/estados_mt.htm Acesso em 25/fev/2011.

¹¹ "A avalanche de novos moradores vindos de todas as regiões do país, fazem de Cuiabá não uma metrópole privada de seus traços culturais originais, mas, pelo contrário, estes são cada vez mais cultuados, valorizados e geralmente adotados pelos novos moradores." *Súmula de informações do município de Cuiabá - Jan/2000 - IPDU/PDI* – Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/MT/cuiaba/historia.htm> Acesso em 24/fev/2011

¹² "A região Sudeste segue sendo a região mais populosa do Brasil, com 80.353.724 pessoas. Entre 2000 e 2010, perderam participação as regiões Sudeste (de 42,8% para 42,1%), Nordeste (de 28,2% para 27,8%) e Sul (de 14,8% para 14,4%). Por outro lado, aumentaram seus percentuais de população brasileira as regiões Norte (de 7,6% para 8,3%) e Centro-Oeste (de 6,9% para 7,4%)." Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_n66oticia=17 Acesso em 25/fev/2011

a história registrada por Volpato (1993), veremos que Cuiabá se expandiu graças à força produtiva advinda das freguesias, ou seja, lugarejos ligados administrativamente à capital e que subsidiaram o seu crescimento. No século XVIII, eram consideradas freguesias urbanas Sé e Pedro II e rurais; Nossa Senhora das Brotas, Santo Antônio do Rio Abaixo, Nossa Senhora do Livramento, Santana da Chapada dos Guimarães e Nossa Senhora da Guia, sendo esta última, em meados de 1850, “a mais importante das pequenas povoações ao redor de Cuiabá.” Sua localização (situada às margens do rio Coxipó-Açu) permitia a navegação das expedições bandeirantes e servia também de parada para as tropas que abasteciam a capital. (VOLPATO, 1993, p. 25)

1.2 DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: Situação do Local de Pesquisa e Investigação

Guia surgiu de dois fatores determinantes em épocas passadas. Primeiro, pela necessidade de abertura de novos caminhos para o norte da Província de Mato Grosso. Segundo, da exploração do garimpo de ouro e de diamantes, pelos garimpeiros praticamente expulsos das minas de Cuiabá, pela imposição dos altos tributos exigidos por Dom Rodrigo Cesar de Menezes. Posteriormente, com o

constante tráfego entre Cuiabá e as novas minas de Diamantino e vice-versa, Guia se firmou estabelecendo-se como parada obrigatória de tropas, isto é, pela presença do Coxipó Açu, possuir saudáveis e refrescantes águas. (ALENCASTRO, 1993, p. 81).

Como já mencionamos no início deste capítulo, a história do distrito de Nossa Senhora da Guia está estreitamente ligada aos fatos históricos que marcaram a formação e constituição de Cuiabá. Afinal, Guia subsidiou o desenvolvimento e o crescimento da capital e, ainda hoje, mantém-se vinculada politicamente a essa cidade.

A partir das considerações de Aníbal Alencastro, das impressões extraídas da fala dos moradores de Guia e da percepção desta pesquisadora, dedicaremos este subcapítulo à narrativa da *vida* do distrito da Guia, pontuando elementos que julgamos justificadores das opções linguísticas dos seus moradores, as quais serão analisadas neste estudo.

O distrito de Nossa Senhora da Guia serviu, por muito tempo, de passagem fluvial às bandeiras paulistas, e seu surgimento está relacionado à expedição chefiada pelo capitão-mor Gabriel Antunes Maciel que, “buscando a direção norte da capitania, seguiu a margem esquerda do Rio Cuiabá, até poder atravessá-lo na localidade, onde hoje é Rosário Oeste [...]” (ALENCASTRO, 1993, p. 25).

Guia é uma das mais antigas localidades de Mato Grosso e, mesmo com seus anos de história e seu apoio logístico às capitanias, nunca recebeu *status* maior que o de *Freguesia* – título dado a vilarejos que detinham maior poder político no século XIX.

Pertencendo, ora a Livramento, ora a Cuiabá, o Distrito tem mais de duzentos e cinquenta anos¹³ e tem sua marca de colonização na migração causada pela rigorosa administração de dom Rodrigo, o qual provocou a evasão de muitos mineiros das minas de Cuiabá para buscarem localidades próximas a fim de assentar suas famílias e explorar outras possíveis lavras de ouro.

¹³ Segundo Alencastro (1993) há registros em bibliografias antigas que comprovam a existência de Guia desde 1737, aproximadamente.

Nesse movimento, novos arraiais e vilas surgiram nos arredores da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá - antigo nome dado à capital, tais como: Nossa Senhora da Conceição de Diamantino, Santana da Chapada, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antonio do Rio Abaixo e Nossa Senhora da Guia.

O mais antigo documento existente em nossos arquivos, autêntico palimpsesto da história cuiabana, é o livro de assentamentos de batismos [...] e que abrange os anos de 1736 a 1744. Vêm nele mencionados o arraial de Cocaes e respectiva Capela de São José (em datas de 1739 e seguintes); a Capela de Nossa Senhora da Piedade da Chapada, onde morava José Raposo Tavares (termo de 3 de maio de 1742); as Capelas de N^a. S^a. da Conceição e de S. Antonio do Rio Abaixo (14 de maio de 1738) e (2 de setembro de 1742); há também referência a uma capela de Santana do Coxipó Guaçú, que é o Coxipó da Guia, o que fez crer que, no mesmo ou em outro lugar desse rio, já existia, naqueles tempos, um povoado, germe do futuro distrito guienense (ALENCASTRO 1993, p. 28).

Para Alencastro (1993, p. 29.), o povoado da Guia surgiu no período de 1736 a 1744 e:

Antes de sua ereção em Freguezia, o vilarejo de Guia, por muitos anos, manteve-se, simplesmente, em um modesto aglomerado de casebres e barracos, já existindo de certa forma, até já, com aparência de Vila.

Do seu aparecimento entre 1736-1744 até o ano de sua ereção em Freguezia (1850), comprova-se ter existido 106 anos de existência, antes de ser freguezia. [...]

Guia se destacou, por muito tempo, como um dos celeiros de mercadorias que mantinha a capital, participando da cadeia de produção de alimentos, formada por localidades e vilarejos situados no vale do Rio Cuiabá (Guia, Livramento e Chapada constituíam um triângulo produtivo). Nessa rota, havia “plantações de cana-de-açúcar, de onde se tirava o melhor açúcar do Império, além das culturas de mandioca, milho, algodão fiado, e tecido nos próprios sítios, e, até mesmo, do fumo [...]” (ALENCASTRO, 1993, p. 34).

As pequenas plantações de cana e os mandiocais fornecem matéria prima para a produção de rapadura e de farinha de mandioca (conhecidos nas feiras de

Cuiabá), as quais, além de denotarem a tradição local, são parte da renda familiar dos guienses. O sistema artesanal, ainda hoje empregado na produção desses alimentos, faz parte da vida, da história e da cultura local, evidente, também, nas narrativas sobre a infância dos entrevistados:

Toda a vida, todo mundo era só de roça. Prantava tudo quanto era coisa, era milho, rama, arroz, feidjão, e semente de melancia, abobra, só não mexia assim com hortaliça, verdura. O resto era tudo, era fazê farinha. Cana, moe, fazê rapadura. Ainda lembro... Se achá uma mandioca boa ainda sei fazê...é que eu não güento. Descasca, pela ele, torrava, e era no ralo, não é como agora que esses povo mexe com o catitu, um negócio que é igual liquidificador, era no ralo, pra ralá ele aí tem um pipiti, aí tem uma prensa assim...pipiti pra secá a massa, pra fazê a farinha. Relá a massa e enche esse pipiti. Era um negócio assim feito dessa grossura (*aponta para o pilar da varanda*), feito de umbunda do mato que a gente faz, aí faz um chaczinho assim, tiotieia a boca dele e p'enchê de massa. Aí tem uma prensa, um pau, igual furado como esse aí uma madeira, né?! Aí faz um buraco nele e arruma outro pau de gancho e põe esse pipiti, põe ele e vai tocando umas poca, uns estouro assim nesse varão, pra fazê tiro, pra escorre a água, uma prensa memo quando vê que já ta seco, vai com essa massa pro pilão, tira, bota no pilão, soca, cõa, e aí vai torra. Tem o forno, um negócio de forno, era um forno feito de terra, barro, naquele tempo fazia forno de barro. Aí tem a fornalha, assenta aí, p'tocá lenha nele, p'torrá, p'fazê a farinha. Eu que não presto mais, num güento, mas ainda sei mexê com tudo esses trem de roça. (INFORMANTE, 93 anos)

A pecuária da Guia se divide em dois grupos: a de pequeno porte e considerada apenas de subsistência e a de comércio nacional, fomentada nas fazendas que circundam o Distrito e pertencem a empresários residentes na capital ou em outros pontos do estado. Essas, contudo, utilizam-se da mão-de-obra guiense e, por isso, constituem uma das fontes de renda das famílias do Distrito.

A esse respeito, evidenciamos na coleta de dados dos entrevistados, que a mão de obra produtiva da Guia está dividida, basicamente, em quatro postos de trabalho: o serviço público na subprefeitura, a prestação de serviços em Cuiabá, o trabalho nas fazendas pertencentes à Guia e na *Caiera* – empresa de mineração do Distrito.

A mineração – fator preponderante na formação e colonização de Cuiabá e arredores – não teve um período muito longo no Distrito da Guia, pois os solos

desse local (e as características de cerrado) não são propícios para encontrar, em grande quantidade, ouro ou outros minérios, como também não o são os rios mato-grossenses (ou suas margens) que, tendo sido explorados ao máximo (e de forma inadequada e muito primária), hoje, apenas fazem parte da história e não possibilitam a seus insistentes exploradores uma vida digna e tranquila.

Na *ota* hora tinha muito garimpo aqui pertinho. Tinha garimpo ali pra cima. O *peçoar* vinha *buscá* oro. Mas os *fazendero* rico *comprô* tudo aí e não *dexa* más *garimpá*. Beira de rio tem garimpo ainda, mas os *fazendero* não *dexa* mais *garimpá*.” (INFORMANTE, 72 anos)

O distrito da Guia viveu a euforia e a glória atribuídas às cidades de mineração e garimpo; mas a essa fase se seguiram o abandono e a necessidade de se pensar outras formas de manter a população e, assim, quando não havia mais possibilidades de seguir com essa prática, os garimpeiros se dividiram em dois grupos: alguns abandonaram a *Freguezia* e migraram para outras cidades e os poucos que permaneceram se estabeleceram em locais onde pudessem trabalhar com a agricultura. A esses se atribui o desenvolvimento e crescimento do local.

A religião, outro fator histórico-cultural de grande relevância no distrito e muito presente na fala dos seus moradores, denota a tradição e a cultura da Guia.

O culto a São Benedito, Santo Divino e à padroeira Nossa Senhora da Guia se solidifica nas festas, romarias e novenas que atraem visitantes e potencializam a economia local, especialmente no mês de agosto, quando Guia se movimenta e se prepara para receber devotos e turistas.

As novas igrejas e religiões que estão presentes atualmente no Distrito parecem não ter modificado o costume local de cultuar os santos em grandes festas cristãs.

Apesar das inovações feitas nesses eventos, a fala dos moradores evidencia que “imolar o santo” (expressão usada pelos informantes idosos ao se referirem ao momento de oração dedicado ao santo padroeiro nas procissões pelas ruas de Guia) e “fazer a festa” são marcas da tradição local e se mantêm como ponto forte do Distrito.

Figura 1: Ponta do mastro levado nas procissões para *imolar o santo*. Imagem de Santo Antônio

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em 2007

Fazia festa de Santo. São Benedito, Santo Divino, Nossa Senhora. Fazia festa mesmo grande. Saía com bandeira; ganhava mamota – mamota é gado, gado pequeno, bezerrada que ganhava pra *fazê* festa. Quando chegava novembro marcava a festa, festa boa tudo de graça. Era tudo dado. Agora o povo só *qué* bebê, e agora também o padre tomo conta da festa e só *qué* vende as coisa tudo. Só *qué* dinheiro. (Informante, 72 anos)

Aqui antigamente tinha umas festa de N. Sra. da Guia, de N.Senhor e São Benedito. Nossa Senhora era de sexta pra sábado, Sr. Divino de sábado para domingo e de domingo pra segunda era de São Benedito. Toda a vida foi mês de dezembro. Quando era final do ano todo mundo tava prevenido para vir na festa da Guia. E a festa era boa. [...] Esse tempo não tinha essa intervenção que tem hoje c'ós padre. Hoje tem os *padre*. Mas naquele tempo tinha o grupo dos *festero* e cada *festero* fazia a festa de um santo. Aí fazia a festa, *acabô acabô* e cada *festero* ia *pro* seu *trabaio* do ano e deixava encomendado pro ano que vem. Assim que funcionava. [...] Era uma fartura. (Informante, 80 anos)

Em relação a sua constituição demográfica, Alencastro (1993, p. 114) registra que “seus primeiros habitantes vieram de São Paulo e Minas Gerais e, depois o afluxo de garimpeiros nordestinos.” Porém, não se pode assegurar que Guia foi constituída exclusivamente por esses grupos, uma vez que, no século XIX, as investidas políticas e as guerras fizeram com que muitos portugueses, residentes em Cuiabá, buscassem abrigo e refúgio na Guia, integrando-se à comunidade já formada ali.

Já quanto a sua população, trazemos os dados registrados por Alencastro (1993), uma vez que o IBGE não disponibiliza no seu sítio, separadamente, informações atuais relativas ao Distrito de Nossa Senhora da Guia. Assim, temos:

1825: primeiro recenseamento em Cuiabá, atribuindo à Guia 2.900 habitantes;

1827: segundo recenseamento, com estimativa de 3.000 habitantes na Guia;

1874 (recenseamento feito pelo Barão de Melgaço): 2477 homens livres e 236 escravos, totalizando 2.713 habitantes;

1886 (relatório Eclesiástico – “Itinerário da Visita Pastoral do Bispo de Cuyabá”: 3.000 habitantes;

1950: 3.424 habitantes, sendo 260 moradores da zona urbana e 3.164 da zona rural;

1954 (nova estimativa): 3.696 habitantes, divididos em: 281 - zona urbana e 3.415 - zona rural;

1960 (IBGE): 4.271 habitantes, sendo: 750, população urbana e 3.521 população rural;

1970 (IBGE): 3.867 moradores: zona urbana: 670; zona rural: 3.197;

1980 (IBGE): 3.559 habitantes: 635 – população urbana e 2.924, população rural;

1992 (IBGE): 3.438 habitantes, sendo: 1.145 moradores da zona urbana e 2.293 moradores da zona rural.

Observando esses dados, apesar de não haver informações mais recentes possíveis de análise, vemos que Guia teve bom crescimento populacional em 1960, passando a uma curva de decrescimento a partir de 1970 que se seguiu nas décadas seguintes. Tal questão pode ter sido um dos motivos para a manutenção da sua condição de distrito até os dias atuais, afinal, não temos nenhum registro documental ou oral de qualquer movimento em busca da emancipação dessa localidade.

Nesse sentido, o que nos interessa levantar é se essa instabilidade populacional se reflete na constituição étnica e, por conseguinte, na opção semântico-lexical.

Faz-se necessário mencionar que, apesar de não haver dados numéricos que evidenciem o crescimento populacional da Guia, há visível movimento de expansão territorial do sítio urbano para a periferia da Guia. O que isso quer dizer? Que tal movimento só se faz necessário quando há crescimento populacional e, assim, a necessidade de tomada de outros espaços. Nesse sentido, pudemos observar, nas visitas feitas em 2011 (e na própria fala dos moradores), que há aumento no número de novas residências na periferia da localidade, onde estavam apenas os sítios e chácaras.

Em 2007, quando estivemos no distrito para as primeiras pesquisas lexicais, observamos que os moradores mantinham suas residências na parte central da localidade (próximo à igreja ou à praça), caracterizando a estrutura de organização de povoados trazida pelos colonizadores portugueses, os quais tinham a igreja como ponto referencial para o desenvolvimento urbano.

Esse movimento de expansão do núcleo urbano é percebido, principalmente, pelos moradores da Guia, os quais destacam:

Guia era uma vilinha à toa; agora já é uma cidadinha já. Você já andô por toda parte já? **Aumentô umas casa pra lá; agora tá uma cidadinha já.** Tá ficando baum.” (Informante, 72 anos)

Essa Guia agora cresceu bastante. Eu queria tá boa da minha perna pra eu andar esse mundo aqui pra mim vê. **Diz que tá tudo asfaltado.** (Informante, 80 anos)

Quando eu me entendi por gente essa **Guia aqui só tinha essa rua.** O restante era só **mato, fazendinha, batuivá; tinha gente que morava aqui, mas era tudo mato.** (Pl. 67 anos) [Grifo Nosso]

Assim, para ilustrar as narrativas sobre o crescimento do distrito da Guia, apresentamos algumas imagens que apóiam os depoimentos transcritos dos informantes, bem como, trazemos trechos da obra de Alencastro (1993) - autor utilizado neste trabalho como fonte histórica para as considerações histórico-culturais da Guia.

1.3 GUIA EM IMAGENS: um passeio pelo *locus* da pesquisa

Este texto está constituído, exclusivamente, de imagens e citações que nos remetem à Guia sob três olhares: pela escrita de Alencastro (1993), pelas imagens registradas por Bertoldo (2007) e pelo cenário atual do Distrito, também pelos registros fotográficos de Bertoldo, feitos em 2011 e 2012.

Cabe-nos destacar, primeiramente, que a entrada principal da Guia já é um convite à análise etnográfica do local. No portal, à esquerda, está a Imagem fotográfica de Nossa Senhora da Guia – que dá nome ao distrito e denota a religiosidade dos seus moradores – tendo à direita a figura de uma mulher escrava feita de pedras e cimento e no canteiro central, um peixe – também construído nos mesmos moldes da figura feminina – recepciona os visitantes.

Pelos registros feitos por Alencastro (1993), Guia surgiu às margens do Rio Coxipó-Açu e seu nome foi uma homenagem à Imagem fotográfica da santa trazida ao lugarejo pelos padres missionários que acompanhavam as bandeiras paulistas nas navegações. Destaca o autor que:

O vilarejo da guia é uma das localidades cuiabanas mais antigas do Estado de Mato Grosso. Nos velhos registros, documentos e, mesmo, em algumas antigas bibliografia, encontramos

comprovações dos seus 'duzentos e quarenta e oito anos de existência'. (ALENCASTRO, 1993, p. 25)

A data de origem de Guia é incerta, contudo, Alencastro afirma estar entre os anos de 1736 e 1744.

Assim, vamos conhecer Guia a partir de suas imagens.

Figura 2 – Portal de acesso principal ao distrito de Nossa Senhora da Guia
Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

Figura 3 – Avenida principal de acesso ao Distrito da Guia
Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

Figura 4 – Subprefeitura do distrito da Guia - O mesmo local que abriga a subprefeitura, também oferece os serviços da agência de Correios.
Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

Os principais pontos turísticos de Guia são a Praça Central – em frente à igreja antiga e a Ponte de Ferro – local que também oferece dois bares e um restaurante.

A ponte tem como atrativo o rio que corta o distrito – Rio Coxipó-Açu. Esse rio já serviu aos moradores ribeirinhos para a lavagem de roupas, mas hoje é um espaço para o lazer dos moradores e um refresco ao calor mato-grossense.

As fotos a seguir trazem algumas imagens da Ponte de Ferro - tida como o principal fator de desenvolvimento do distrito – e do rio que esta “abriga”

Figura 5 – Vista lateral da Ponte de Ferro - Ponte de Ferro: marca do crescimento e da importância econômica do distrito da Guia para o desenvolvimento da Capital.

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em janeiro de 2007.

Figura 6 – Vista frontal da Ponte

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

Figuras 7 e 8 – Vista frontal da Ponte

Fonte: Imagens fotográficas feitas pela autora em fevereiro de 2012.

Figuras 9 e 10 – Rio Coxipó-Açu

Fonte: Imagens fotográficas feitas pela autora em fevereiro de 2012.

A Praça “Ernesto Maria Bello” foi inaugurada em 09 de novembro de 1978. É um dos pontos de encontro dos cidadãos guianenses; tem uma visão privilegiada da Capela Nossa Senhora da Guia, pracinha para as crianças e alguns bancos que favorecem o bate-papo e o descanso.

Figuras 11 e 12 – Praça central da Guia

Fonte: Imagens fotográficas feitas pela autora em fevereiro de 2012.

Alencastro (1993) destaca que há documentos que registram a construção da capela no início do século XIX, contudo, o autor relata que há indícios de ter havido outra capelinha construída de pau-a-pique já nos fins do século XVIII.

A Capela Nossa Senhora da Guia se mantém como patrimônio cultural do distrito. Contudo, já não há mais celebrações religiosas no local e ela abre, esporadicamente, para visitaço, uma vez que:

Pelo seu aspecto arquitetnico, seus construtores (desconhecidos), seguiram linhas de construo baseada nos modelos comuns das capelas missionrias paulistas de pocas setecentistas. O seu feitio retangular com caractersticas simples, construdas com material bastante rude, a taipa-de-pilo, com ossatura de madeira de lei, principalmente, a arueira lavrada, muito utilizada na regio. Seu interior bastante rstico, com paredes caiadas de branco, o telhado comum de duas guas, coberto com telhas portuguesas, bastante singelo. (ALENCASTRO, 1993, p. 50)

Figuras 13 e 14 – Capela Nossa Senhora da Guia

Fonte: Imagens fotográficas feitas pela autora em fevereiro de 2012.

Após duas reformas, os restauradores retomaram o desenho inicial da Capela, reconstruindo o monumento tal qual foi projetado e erguido no século XIX.

Figura 15 – Igreja Nossa Senhora da Guia – construção atual

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

A arquitetura urbanística dos séculos passados se faz presente em algumas poucas casas e casarões feitos com madeira de lei e tijolos de barro secados ao sol (adobes). Esses imóveis são pontos turísticos da Guia e se conservam também como patrimônio histórico-cultural do local.

Figuras 16 e 17 – Casas de adobe preservadas

Fonte: Imagens fotográficas feitas pela autora em fevereiro de 2012.

A respeito das construções das antigas casas, Alencastro (1993) sublinha que:

Nos vãos livres de portas e janelas, utilizavam-se simplesmente madeiras de lei, quando não de sistemas de arcos, com o uso dos próprio (*sic*) tijolos, nas construções populares mais simples, o uso de cal restringia-se somente nos rebocos e a caiação das paredes, pois a alvenaria era feita a base de enormes tijolões, confeccionados de barro secadas ao sol (abodes), utilizando-se nos seus assentamentos, argila misturada a estrume de vaca, a qual era muito bem misturada, amassada e curtida de um dia para outro, isto por que, melhorava-se sua liga. (ALENCASTRO, 1993, p. 68)

Como mencionamos em outra oportunidade, um passeio pelo distrito garante o sentimento de retorno às raízes que constituíram este pedaço de Mato Grosso, pois é possível ver o moderno e o antigo muito próximos, em uma tentativa de manter vivas a história e a cultura locais sem, contudo, deixar de considerar as necessidades postas pelos novos tempos e pelos jovens que escolhem Guia para viver.

CAPÍTULO II

DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

El lenguaje se presenta como un fenómeno tan polifacético y que impregna en medida tan considerable las restantes manifestaciones del hombre – siendo incluso la expresión necesaria de algunas de ellas – que las confusiones y parcializaciones se dan, quizá, en este campo con más facilidad que en otros. (COSERIU, 1977, p. 13)

As investigações linguísticas feitas no Brasil têm se mostrado bastante produtivas no registro e identificação das variantes lexicais existentes nas diferentes regiões brasileiras, as quais evidenciam os movimentos migratórios como elementos da disseminação (e consequente modificação) dos falares típicos da cada ponto geográfico do nosso país.

Exemplos da propagação dos estudos dialetológicos (motivados, sobretudo, pelos estudos de Amadeu Amaral) são as múltiplas pesquisas vinculadas ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que têm composto o cenário lexical do país e evidenciado o *fenômeno linguístico* vivido no território nacional, respeitadas as características étnico-culturais de cada um dos pontos investigados.

Amaral (1976), mesmo debruçando-se sobre o “dialeto caipira”, não proclamou a existência de uma língua brasileira distanciada da língua portuguesa, apesar de reconhecer que o futuro, talvez, fosse capaz de provocar tamanha distância linguística e gerar essa diferenciação. Outros pesquisadores (a exemplo de Leite de Vasconcelos), porém, já salientavam que as questões político-sociais, as interferências de grupos colonizadores e, até mesmo, as características naturais do Brasil – totalmente diversas das vividas em Portugal – eram suficientemente capazes de alterar o léxico, fazendo surgir novas expressões e palavras; de tal modo que se tem hoje, enquanto fenômeno linguístico e riqueza dialetológica brasileira registrados nos múltiplos trabalhos nesse sentido, um sem número de lexis capazes de identificar seus falantes como *brasileiros* e não unicamente como usuários da língua portuguesa.

Para isso, basta olharmos os registros feitos pelo projeto ALiB, onde temos uma variedade de palavras a nos provocar a análise de que a contemporaneidade – e tudo o que ela representa – alterou o vocabulário dos falantes quando condicionados a situações e grupos sociais diferentes, mas não ocultou a herança étnico-cultural presente no falar descompromissado, na *conversa tranquila e sem o propósito da formalidade*.

Como mencionamos, temos hoje muitas pesquisas atentas às questões da língua, sejam elas na perspectiva fonética, fonológica, semântica e/ou lexical e entendemos ser necessário destacar esses estudos, uma vez que também nos

dedicamos à pesquisa semântico-lexical e participamos desses grupos investigativos. Nesse sentido, utilizamo-nos dos métodos e metodologias que visam, especialmente, delimitar as fronteiras linguísticas existentes no Brasil, tão diferentes das geográficas já conhecidas.

O ALiB¹⁴ destaca as seguintes pesquisas, com seus respectivos pesquisadores e objetivos:

- ✓ **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)** – 1963: obra pioneira que motivou outras investigações na área dialetal, tendo sido elaborado no período de 1960 a 1962 sob a coordenação do professor Nelson Rossi. Contou com a colaboração das pesquisadoras Dinah Maria Sensee, Carlota Ferreira, Josephina Barletta, Judith Freitas, Cyva Leite e Tânia Pedrosa.
- ✓ **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)** – 1977 – foi o segundo trabalho a ser publicado sobre os falares brasileiros. Teve, como autores, os professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio, colaborados por Cláudia Coutinho, Edimilson Pereira, José Dionísio Ladeira e Núbia Magalhães Gomes.
- ✓ **Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)** – 1984: o ALPB é parte de um projeto proposto pelo Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, coordenado pela professora Maria do Socorro Silva de Aragão e desenvolvido em parceria com a professora Cleuza Bezerra de Menezes.
- ✓ **Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I)** – 1987: este trabalho, também coordenado pelo professor Nelson Rossi, foi iniciado em 1963, concluído em 1973 e publicado catorze anos depois, em 1987 e constituiu-se de uma pesquisa mais detalhada para o mapeamento linguístico dos falares baianos. Teve como autores: Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith

¹⁴ Disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AndamentoInqueritos> Acesso em 10 de fevereiro de 2012.

Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Jacyra Mota.

- ✓ **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – 1990:** constituído como Tese de Doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), e apresentou, “além da documentação cartográfica da variação lexical e da variação fonética e a delimitação de isoglossas, a organização de um glossário, no qual se registra ‘todo vocabulário cuja forma e/ou sentido’ não pertence ‘ao vocabulário ativo de um falante da norma padrão urbana’”. Esse trabalho teve como colaboradoras as pesquisadoras Ivone Alves de Lima, Rita de Cássia Paulino e Elaine Cristina Fabris.
- ✓ **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – 2002:** “o ALERS inova por ser o primeiro a não se limitar ao mapeamento de um Estado. [...] este atlas abrange aspectos tanto linguísticos quanto culturais referentes aos três Estados da região Sul do país”. O trabalho foi coordenado pelo professor Walter Koch e contou com a colaboração de José Luiz da Veiga Mercer, Basílio Agostini, Hilda Gomes Vieira, Felício Wessling Marjotti, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen.
- ✓ **Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) – 2004:** este trabalho - integrado ao ALIPA – foi coordenado pelo professor Dr. Abdelhak Razky.
- ✓ **Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II) – 2005:** “Último atlas regional publicado no Brasil, O ALS-II foi desenvolvido como tese de doutorado da Professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002, e é o segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), no qual se utiliza o *corpus* não explorado no primeiro volume”.
- ✓ **Atlas Linguístico de Mato Grosso do SUL (ALMS) – 2007:** organizado por Dercir Pedro de Oliveira, esse Atlas é composto por cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas.

- ✓ **Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE) – 2010:** “O ALECE começa a sua história em 1978, atravessa 3 décadas e vem a ser publicado em 2010. O tempo que vai da concepção de um atlas até a sua publicação não deve causar admiração, pois a história dos estudos dialetais está repleta de exemplos dessa natureza, o que apenas prova as dificuldades por que passa a Dialectologia para alcançar os seus objetivos.”

Matoré (1973), ao ser citado por Andrade (2001, p. 193), destaca que “cada termo de uma língua possui diversos registros que, segundo o caso, se isolam ou se interpenetram e ocupam um lugar diferente no interior dos sistemas hierárquicos, autônomos ou complementares”. Por isso, para que se possam pesquisar sua aplicabilidade e utilização, fazem-se necessários trazer, à pesquisa, os instrumentos, técnicas, métodos e metodologias propostos pelas ciências da linguagem – cada qual sob seu enfoque e interesse – pois serão esses caminhos já experimentados os subsidiadores de estudos que contribuam nas análises já empreendidas.

Para a pesquisa semântico-lexical pretendida nesta tese, subsidiamo-nos das discussões da dialetologia (e nessa ciência está inserida, de fato, nossa investigação) e nos instrumentos de coleta de dados sugeridos pela sociolinguística, por compreendermos que a fala ou as opções linguísticas para esse ato são produções étnico-culturais que determinam os grupos sociais e certificam suas histórias de vida.

2.1 AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

A pluralidade étnico-cultural se faz sentir pela variação linguística perceptível nos múltiplos falares que nos circundam diariamente, os quais representam, prioritariamente, as escolhas feitas pelos indivíduos, seja para identificarem seu primeiro grupo linguístico (a família) ou seu grupo social (escola, amigos, trabalho). Consideramos, neste sentido, que o falante utiliza um sistema linguístico “de nascimento” e outro de “formação”, ou seja, no primeiro ele o faz como produto do

meio, atendendo aos estímulos do ambiente em que está inserido, dos *insights* recebidos pelos falantes do mesmo grupo social – família. Já no segundo momento, aqui nomeado de “formação”, o falante busca se adaptar ao ato comunicativo que mais lhe pareça adequado à situação da qual participa e julgue de maior produtividade para sua inserção nesse novo meio e sua aceitação enquanto indivíduo.

Assim, o *falar* – em que as escolhas lexicais são, de certo modo, instrumentos para a inclusão e a interação¹⁵ – é a representação máxima do núcleo onde se situa o falante, condicionado a uma estrutura linguística que determina sua comunidade. Logo, compreende-se que “os atos de fala constituem etapas de elaboração e reelaboração da norma de uma dada comunidade, os quais adquirem um caráter particular em função das variáveis extralingüísticas presentes numa determinada localidade.” (SANTOS, 2006, p. 95)

Nessa perspectiva, as pesquisas e análises das variedades e variantes do *português brasileiro*¹⁶ no distrito de Nossa Senhora da Guia, propostas nesta tese, são consolidadas a partir das concepções teóricas trazidas pela **dialetologia**: a qual analisa os fatos linguísticos e interpreta-os, pautada nos recortes sociais que envolvem o grau de escolaridade, formação e atuação profissional, faixa etária, sexo, grupo social, entre outros passíveis de serem delimitados pelo pesquisador. Ainda, como sublinha Ferreira e Cardoso (1994, p. 18): “[...] a dialetologia, [...] demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação, portanto, não parece atitude parcial ou incoerente identificá-la com a lingüística diatópica, horizontal.”

¹⁵ Neste sentido, Mattoso Câmara Jr, em sua obra *Contribuição à Estilística Portuguesa* de 1977, aponta para as afirmativas de Roman Jakobson, segundo o qual “a aquisição não é uma simples cópia. Toda imitação pressupõe uma escolha e, portanto, um desvio em relação ao modelo.”

¹⁶ Nomeamos de *português brasileiro* com base nas discussões que se têm nesse sentido e que evidenciam uma *dialectologia brasileira* – como assinala a professora Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso na comunicação “Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional para o conhecimento do português brasileiro” – que torna a língua portuguesa diferente na sua estrutura lexical quando comparada ao português do Brasil e ao português de Portugal.

A **sociolinguística** – área que estuda a variação linguística a partir dos fenômenos e das causas sociais - respalda e auxilia na delimitação dos grupos a serem pesquisados (requisitos/perfil), compreendendo, como o faz Silva-Corvalán (1988), que a sociolinguística é sinônimo da dialetologia, devido ao objeto de estudo (a língua falada)¹⁷ centrado nas diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, faixa etária, entre outros elementos que identificam e categorizam os sujeitos de pesquisa. Essa ciência amplia o centro analítico do dado linguístico a partir do *meio* em que o falante está inserido, da sua interação nesse ambiente (e com os seus interlocutores) e suas características sócio-culturais inerentes no falar.

Por sua vez, a **etnografia** – também conhecida como pesquisa cultural – é acrescentada à pesquisa dialetal como contributo para as análises desta tese. Isso porque busca compreender as formas de vida de um determinado grupo social, pela sua correlação com o *cenário* em que os sujeitos estão inseridos e com as perspectivas exteriorizadas pelo léxico que utilizam. É preciso destacar, ainda, que a etnografia está estritamente relacionada às pesquisas lexicais feitas no Brasil, a exemplo do ALERS, que amplia sua área de análise ao acrescentar aspectos culturais aos estudos dialetais.

Assim, a partir do enfoque dado por essas linhas de pesquisa, podemos determinar (ou então levantar hipóteses para) os motivadores da manutenção e/ou variação semântico-lexical aqui pretendida. Não se trata de isolar o item lexical em estudo e analisá-lo apenas sob o enfoque linguístico, mas sim buscar elementos sociais que viabilizem uma verificação mais ampla do seu uso (quando e como, especialmente), encontrado no *locus* da investigação. Por isso, a “conciliação” dessas ciências no estudo de um grupo de lexicas.

É notória aos investigadores da área da linguagem a inviabilidade de um estudo isolado quando o *objeto-produto* da busca é a *língua*, seja na sua modalidade

¹⁷ Silva-Corvalán (*In* FERREIRA e CARDOSO, 1994, p.19) afirma que “Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística.”

falada ou escrita; isso porque a pluralidade – já intrínseca no objeto de investigação – provoca “múltiplos olhares” a partir de um único elemento, seja ele de ordem fonético-fonológica ou semântico-lexical e, assim, os elementos novos agregados às análises já feitas consolidam o papel da pesquisa: o de questionar sempre e elencar novos fatos (ou antigos que ainda permanecem latentes) como justificativas para opções semântico-lexicais registradas em dado período histórico-social.

Portanto, o retorno ao distrito da Guia¹⁸ marca essa necessidade de lançar novo olhar aos elementos coletados e registrados em 2007, fazendo, também, um retorno aos sujeitos de pesquisa já inquiridos, selecionando novos pesquisados e ampliando o foco investigativo para as perspectivas de vida trazidas por esses sujeitos. Para tal, no *locus* investigado, delimitamos de célula social primária os idosos – constituídos como “novo grupo de idosos” (tendo em vista que toda a pesquisa anterior teve como *corpus* o falar dos idosos do Distrito da Guia) e, de célula social secundária, os moradores mais jovens divididos em dois grupos: 1º, Informantes com idade de 19 a 29 anos; 2º, Sujeitos de pesquisa na faixa etária de 30 a 59 anos.

Ainda, para não estabelecer critérios conflitantes que prejudiquem a análise dos dados, baseamo-nos nos requisitos propostos pelo Projeto ALiB¹⁹, observando o uso de dois instrumentos que julgamos essenciais a esta tese: a **narrativa livre** e o **questionário semiestruturado**.

Quanto ao primeiro instrumento de coleta, Ferreira e Cardoso (1994) se utilizam da nomenclatura *conversa livre*, enquanto Santos (1998) atribui a essa modalidade a especificação de *espontânea*. Estas definições díspares não alteram, porém, o formato do recurso, uma vez que a narrativa livre pressupõe a

¹⁸ Nomearemos de ‘retorno à pesquisa’ o trabalho feito na localidade com os novos grupos de investigação, considerando toda a pesquisa feita no Mestrado em 2007.

¹⁹ O ALiB sugere que se tenha em mãos um questionário semiestruturado, de modo a seguir um *roteiro* de perguntas e possíveis respostas, que facilitem o registro do inquiridor. Nesse sentido, Chambers & Trudgil (1980) sublinham que a vantagem do questionário está na medição dos resultados e na comparação dos dados abstraídos nas entrevistas conduzidas, de forma organizada e, de certo modo, imediata, contrário ao que afirmam sociolinguistas de que o uso de um questionário poderá “engessar” o pesquisador e inviabilizar a coleta de dados genuínos.

determinação de um roteiro prévio o qual servirá de motivador para o início da conversa com os informantes idosos e como elemento agregador aos grupos classificados com idades inferiores.

Esse recurso se mostra, ainda, um elemento subsidiário da entrevista semiestruturada, uma vez que possibilita na continuidade quando esta é interrompida, ou pela dificuldade de interpretação das perguntas feitas, a fim de se confirmar uma lexia registrada, ou, também, para se conhecer variantes utilizadas para o mesmo fim. Sob esse aspecto, Ferreira e Cardoso (1994) já preconizaram que tal método se mostra bastante eficaz como complementar à aplicação do questionário e caracterizam o uso da conversa livre como determinação de uma “boa técnica” de pesquisa dialetal. Para Santos (1998, p. 183): “a coleta espontânea objetiva fornecer uma amostra da temática que caracteriza a comunidade, do léxico utilizado, por último, da variação no estrato fonético-fonológico.” Nesse sentido, outra questão a ser abordada é que a narrativa livre possibilita trazer, à pesquisa, elementos não atendidos nas perguntas diretas e, na sequência, analisá-los.

O **questionário semiestruturado** é pontual e objetiva registrar as lexias em estudo e suas variantes. Para tanto, está formulado a partir das entrevistas feitas com os idosos em 2007 e traz, em seu escopo, perguntas que retomam essas lexias, de modo a certificar de sua existência e ocorrência. Frente a isso, trazemos novamente as discussões de Ferreira e Cardoso (1994), por destacarem a importância que se deve dar à elaboração do questionário a ser utilizado nas entrevistas, pois esse recurso precisa atender amplamente às questões pretendidas em determinada região e abranger a diversidade lexical objetivada. Sublinham as autoras que “se se visa apurar fatos específicos da fonética-fonologia, do léxico, da morfologia, da sintaxe ou da semântica, o questionário deve ser objetivamente orientado para o fim pretendido”. (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 31)

Faz-se necessário destacar, inclusive, que, para os pesquisados na faixa etária de 19 a 29 anos, além do questionário semiestruturado, utilizamo-nos do recurso visual, ou seja, de imagens ilustrativas das lexias investigadas, de modo a esclarecer e/ou confirmar o objetivo da pergunta.

Ao instituímos dois instrumentos de coleta para a pesquisa semântico-lexical, visamos ampliar as possibilidades de registro e de análise, pois, além dos aspectos semântico-lexicais pretendidos, as questões culturais e os aspectos sociais abstraídos, ao longo dos discursos, possibilitarão um olhar não exclusivamente teórico sob uma determinada lexia, mas, também, observação sociocultural da importância dessa lexia no contexto e no universo do seu falante.

Além disso, há que se atentar para as especificidades dos grupos pesquisados, uma vez que, com os idosos, a narrativa livre se constitui como primeiro elemento da pesquisa, e a utilização do questionário semiestruturado contribui para a certificação das lexias proferidas nesse discurso. Por outro lado, o questionário semiestruturado para os dois grupos mais jovens passa a ser o primeiro instrumento de investigação, a fim de verificar se o léxico registrado no falar dos idosos sofre a modernização ou manutenção. Isso porque se tem, na narrativa livre, um elemento para exploração de quesitos sociais, tais como os fatos que evidenciam (ou não) a mudança no estilo de vida dos cidadãos guianenses e o seu reflexo na abordagem linguística dos falantes.

Nesse modo de pensar, Santos (1998), ao abordar a metodologia utilizada na pesquisa desenvolvida na comunidade do Jardim São Francisco, na cidade de São Paulo (face as suas características singulares), destaca:

[...] parece interessante que sejam efetuados dois tipos de coleta – a espontânea e a induzida²⁰. Enquanto a primeira fornece uma espécie de perfil lingüístico da comunidade, a segunda assegura uma comparação com os demais trabalhos dialetológicos realizados. (SANTOS, 1998, p. 185)

Por conseguinte, é a concepção, o olhar sob o meio onde o sujeito de pesquisa está inserido e também sua história que promoverão a análise mais ampla e maximizada das questões lexicais que se buscam investigar. E, ainda, a observação da postura do informante e do seu entorno, a leitura dos fatos, dos

²⁰ “[...] a coleta induzida repousa em um instrumento o mais próximo possível daquele utilizado no ALiB, de modo a permitir uma comparação com os demais atlas lingüísticos. [...] Portanto, nesse questionário haverá questões que contemplam os diversos campos semânticos aferidos, ou não, da coleta espontânea.”

gestos e das intervenções, ao longo das falas, agregarão elementos, quiçá, não percebidos nos discursos feitos sob a “pressão” de um gravador e a presença de um desconhecido (o pesquisador).

A esse respeito, Zágari – como o fazem os demais linguistas que se tem dedicado à investigação *in loco* – afirma:

Na Dialectologia inicial, os informantes, quase sempre respondiam a um questionário que lhes oferecia a possibilidade de, como resposta, um único vocábulo. Na situação atual, tal se modificou. Ainda que os questionários se tenham mantido, a conversação se tornou mais livre, menos rígida, seguindo um caminho que, se por um lado mantém um fio condutor, capaz de facilitar a quantificação e a coleta de material, por outro, permite ao interlocutor contar seus casos e suas histórias. (ZÁGARI, 1998, p. 36)

Assim também nos posicionamos nas escolhas feitas para o trabalho de campo. Entendíamos a necessidade de ter um questionário previamente estabelecido, que fosse o suficiente para investigar os itens semântico-lexicais pretendidos; contudo, estávamos cientes de que o uso da narrativa livre nos possibilitaria explorar um conteúdo sociocultural, muitas vezes, impossível de ser registrado por um grupo de perguntas diretas.

Estabelecidas, pois, as bases teóricas e os instrumentos de pesquisa, fixaram-se as etapas de toda a investigação, mais uma vez atendendo à necessidade de delimitar quesitos para que a pesquisa visasse à genuinidade e à originalidade. De tal modo que, no Distrito de Nossa Senhora da Guia, delimitamos como **grupos de pesquisa** os idosos e jovens.

Optamos, primeiramente, por retornar ao grupo dos idosos pesquisados no mestrado para observar se as lexias exploradas naquela oportunidade se mantinham presentes e se eram, de fato, comuns no falar dos moradores dessa faixa etária ou, ainda, se apresentavam alguma alteração tanto no léxico quanto na semântica dos vocábulos registrados em 2007. Selecionamos novos sujeitos de pesquisa da categoria *idosos* para experimentar as lexias elencadas neste grupo e verificar se a manutenção evidente nos primeiros pesquisados (BERTOLDO, 2007) se mantinha nos informantes da mesma faixa etária de 2011.

Quanto ao grupo dos jovens acrescido a esta nova pesquisa, o léxico extraído se posicionou como elemento de contraprova, ou seja, as lexias testadas possibilitariam verificar se, na Guia, era mais evidente a *manutenção, a variação ou a mudança semântico-lexical*. Para tanto, o grupo caracterizado como *jovens* foi dividido em duas faixas etárias: de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos, mesmo porque a legislação delimita como *idosos* aqueles com idade igual ou superior a 65 anos. Para não trabalharmos com a nomenclatura *jovem, adulto e idoso*, optamos pela designação *jovens e idosos*, unicamente.

Como Claret, citado por Lima-Hernandes (2005, p. 124), compreendemos que “a língua é uma instituição social de adoção obrigatória a todo indivíduo pertencente a uma mesma comunidade para se fazer entender”. Por isso, ao determinar essas faixas etárias para a pesquisa, buscamos constituir certa linearidade linguística entre os sujeitos pesquisados, partilhando do pensar de Lima-Hernandes (2005, p.124), para quem “as várias camadas etárias compreendem-se porque integram uma mesma comunidade, num mesmo espaço, num mesmo tempo”.

Faz-se necessário destacar, ainda, que, para ambos os grupos (*idosos e jovens*), pautamo-nos nos requisitos de seleção de informantes propostos pelo ALiB²¹ e fizemos as modificações julgadas pertinentes, dado o *locus* investigado (distrito de Nossa Senhora da Guia – Mato Grosso), os objetivos traçados para a pesquisa e o grupo deste trabalho, de tal modo que expandimos a faixa etária do grupo dos idosos, mas nos atentamos em respeitar as demais proposituras do Atlas (estudos escolares, mobilidade, residência, profissão etc.).

²¹ “Quanto aos **informantes**, ficou fixado o número de oito nas capitais do Estado e quatro nas demais localidades, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e contemplando-se os dois sexos. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental, e possuidores de profissão definida, que não requeira mobilidade e se encontre inserida no contexto social local. (...) Por fim, os informantes, além da condição primeira de terem nascido na localidade em questão, devem, preferentemente, ser filhos de pais da região linguística em estudo (...)” – *Atlas Linguístico do Brasil – Questionários 2001 – Apresentação*.

Em relação aos **recursos na pesquisa *in loco***, por termos recortes sociais diferentes nesta pesquisa de campo, constituímos instrumentos diferenciados para a coleta *in loco* (como já mencionamos anteriormente) de modo a minimizar o risco de erros de compreensão do pesquisador, frente ao pesquisado e ao registro dos dados.

Os questionários elaborados observaram o estilo metodológico do “Questionário Semântico-Lexical” proposto pelo ALiB. Contudo, as perguntas foram constituídas de acordo com as lexias registradas no falar dos idosos pesquisados em 2007, nas quais pretendíamos verificar a ocorrência nos novos sujeitos de pesquisa, tendo como referências os seguintes extratos²²:

1. Exemplo de lexia desconhecida:

(*Pesquisadora*) Que nome você dá à pessoa que sente muito dó, muita pena de tudo e de todos?

(*Jovem1*) Nome? Não sei... eu digo ‘essa pessoa tem pena, sente dó de...’

(*Pesquisadora*) Você já ouviu o termo ‘dolenta’ para essa definição de quem sente muita pena de algo ou de alguém?

(*Jovem1*) Não, nunca ouvi.

2. Exemplo de manutenção da lexia:

(*Pesquisadora*) Como se chama a carne ou o frango passado num preparado de farinha, sal e ovos e, em seguida, frito?

(*Jovem3*) Eu digo encapado. É encapado?

(*Pesquisador*) Não se preocupe... diga-me apenas como você costuma chamar esse tipo de comida.

(*Jovem3*) Encapado.

²² Para atender o objetivo desta tese (verificação de manutenção e/ou variação semântico-lexical no falar dos moradores do distrito da Guia) optou-se pela transcrição grafemática ou ortográfica, de modo a tornar os extratos da oralidade mais acessíveis à análise da autora, bem como, proporcionar o máximo de inteligibilidade ao texto apresentado.

3. Exemplo de manutenção da lexia, mas com uso de variações:

(*Pesquisadora*) Que nome você dá ao preparado de carne ou legumes, geralmente cozido no vapor da panela com pouco óleo e água, mas sem fritura?

(*Jovem2*) Aqui nós dizemo 'afogado'. Mas acho que é 'refogado' ou 'ensopado', né?

(*Pesquisadora*) Diga-me a palavra que você mais usa para esse tipo de comida. Quando você prepara ou come, que nome você dá?

(*Jovem2*) Ah, a gente diz 'afogado' ou 'ensopado'. É isso que os mais antigo também diz, mas sei que também se fala 'refogado'.

A determinação dessas lexias observou alguns requisitos levantados no trabalho de mestrado (BERTOLDO, 2007), os quais evidenciaram a ocorrência e a frequência das lexias, o estranhamento²³ gerado entre os falantes mais jovens tomados, inicialmente, como uma pequena célula de contraprova e, especialmente, a necessidade de aprofundamento na pesquisa já citada, de modo a estabelecer razões pelas quais a mudança (ou a manutenção semântico-lexical) se mostra evidente no falar dos moradores do distrito Nossa Senhora da Guia.

Tivemos, portanto, dois pontos convergentes: os índices numéricos elencados na dissertação que nos levaram à compreensão da variação semântico-lexical e da crença de que os idosos, apesar das sensíveis mudanças socioculturais, apresentam manutenção lexical e utilizam-se do vocabulário apreendido na convivência com os pais e avós. No entanto, os jovens modernizam esse vocabulário devido à nova realidade social e à necessidade atribuída à inserção nos grupos sociais.

Frente a isso, buscamos investigar a ocorrência das lexias *bamburro*, *tacuru* e *bateia* (e suas variáveis), inseridas nos campos semânticos *ambiente* e *vida*

²³ Usa-se este termo com base na compreensão popular de que tudo o que nos causa estranhamento gera a curiosidade necessária à investigação, descoberta e ao conhecimento posterior. As bases científicas não dão conta de normalizar tal razão, pois é variável, instável e volátil. Podemos, no entanto, insistir nesta modalidade de seleção se considerarmos o que muito já discutimos aqui, de que a língua/linguagem, enquanto mecanismo que exterioriza o pensar humano, é produtiva quando voluntária, mas limitada quando direcionada.

doméstica, entendendo que a primeira pergunta a ser feita ao informante deveria possibilitar a exposição do vocabulário corrente a partir da descrição do ambiente ou do objeto (sem, contudo, expor diretamente a lexia) e as perguntas seguintes teriam o caráter de confirmação da lexia dita pelo sujeito de pesquisa, ou, então, de apresentação da lexia em estudo, procurando sua ocorrência (ou não) pela certificação do pesquisado ao utilizar expressões como: *conheço, já ouvi falar ou nunca ouvi falar*.

Assim, para todas as lexias em estudo, seguimos a mesma organização de investigação, ou seja: a primeira pergunta descreve o objeto sem nomeá-lo e as seguintes confirmam sua ocorrência na perspectiva da manutenção, mudança ou variação semântico-lexical.

Todavia, é preciso observar, ainda que, dado o perfil dos sujeitos de pesquisa, delimitamos questionários diferentes para atender as especificidades de cada grupo: idosos acima de 60 anos, jovens de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos.

Desse modo, para a lexia de entrada: **BAMBURRO** (ou suas variáveis **matagal, carravascá, baburro** ou **bamburral**), ao grupo dos idosos (A1 e A2), questionamos: *Quando algum local de acesso público está tomado pelo mato, com plantas de todas as espécies, descuidado e sujo, você diz que aquele local está um ...? Perto da sua casa já teve algum local assim, como este que o Sr. (ou a Sra.) chamou de ...? Poderia descrevê-lo? O Sr. (ou a Sra.) já ouviu falar nos termos baburro, bamburro ou bamburral para dizer ... (palavra utilizada pelo informante)? Além dessa que o Sr. (ou a Sra.) utilizou, há outra que significa a mesma coisa, mas que o Sr. (ou a Sra.) não usa?*

Quando inquiridas, aos informantes de 19 a 29 anos e 30 a 59 anos, as perguntas foram mais objetivas, uma vez que, para esses grupos, o questionário foi o principal instrumento de investigação semântico-lexical; ademais, para confirmar a ocorrência da lexia no grupo dos idosos, a pergunta final fixou essa informação, de tal modo que perguntamos: *Quando algum local de acesso público está tomado pelo mato, com plantas de todas as espécies, descuidado e sujo, você diz que aquele local está um ...? Você conhece outras palavras que tenham o mesmo significado de ...? (palavra utilizada pelo informante) Seus pais ou avós usavam outro termo de que*

você se lembre, para ...? (palavra utilizada pelo informante) Você já ouviu falar em baburro, bamburro, bamburral, carravascá ou matagal para identificar local público tomado pelo mato?

Em relação ao campo semântico VIDA DOMÉSTICA, analisamos duas lexias de entrada: TACURU e BATEIA. Para a primeira (**tacuru**), questionamos aos idosos: *Quando o Sr. (ou a Sra.) era criança, já viu seu pai ou sua mãe cozinhando? Onde eles cozinhavam? As panelas eram colocadas diretamente no fogo ou ficavam apoiadas em algo? O Sr. (ou a Sra.) pode nos contar como era? O Sr. (ou a Sra.) já viu um fogão feito no mato com três pedras colocadas assim ... (explicar com as mãos) onde é feito fogo no meio e colocada a panela em cima? Como o Sr. (ou a Sra.) chamava essa “arrumação”? Seu pai ou sua mãe davam outro nome? O Sr. (ou a Sra.) conhece outras formas de dizer essa mesma palavra?*

E para **bateia**, esse grupo respondeu às seguintes questões: *Antigamente as pessoas que trabalhavam no garimpo usavam os mesmos objetos do trabalho também para as atividades domésticas. O Sr. (ou a Sra.) conhece algum (ou alguns) desses objetos? Qual (ou quais)? Para que eram usados? Os garimpeiros usavam um tipo de tigela feita de madeira ou metal para a limpeza de pequenas porções de areia na busca pelo ouro. Esta mesma tigela era usada nas refeições como prato. O Sr. (ou a Sra.) conheceu isso? Como era? O Sr. (ou a Sra.) pode descrevê-la? Há outro nome que o Sr. (ou a Sra.) atribua a esse utensílio? O Sr. (ou a Sra.) utiliza, ainda hoje, esta palavra para dizer “prato”? Que palavras o Sr. (ou a Sra.) usa neste caso (para representar “prato feito na madeira”)?*

Os informantes da faixa etária inferior a 60 anos foram inquiridos sobre a lexia **tacuru** com as seguintes perguntas: *No passado, em virtude das limitações e da necessidade de trabalhar no campo, as pessoas se utilizavam de mecanismos artesanais para resolver as tarefas do dia a dia. Uma delas era amontoar pedras (mostrar com gestos) para simular um fogão e poder fazer a comida, na roça, evitando o retorno a casa e a perda de tempo. Você chegou a conhecer esse tipo de fogão? Como era chamado? Você já se utilizou desse recurso?*

Na sequência, foram mostradas imagens para elucidar a lexia investigada, considerando que, na entrevista feita em 2007 com o grupo de idosos, o *cupinzeiro*

foi mencionado como substituto do *tacuru* (segundo os informantes, essa era uma prática indígena que foi adotada pelos roceiros), pois ao se cortar a ponta superior do cupinzeiro e fazer um furo na sua base para pôr fogo, era possível cozinhar e preparar os alimentos. Além disso, há que se mencionar que no dicionário Houaiss encontramos *tacuru* como um dos sinônimos possíveis para cupinzeiro e, portanto, a utilização da figura nesse sentido poderia contribuir com a compreensão da lexia investigada.

Assim que, após o inquérito se pedia ao informante que observasse as figuras em destaque, seguindo com as perguntas abaixo mencionadas:

Figura 18 – Cupinzeiro
Fonte: Google Imagens

Figura 19 – Fogão artesanal registrado na casa de uma das informantes idosas
Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora, 2007

Você sabe o que é? Que nome você dá a cada um desses objetos? Conhece outras formas de falar? Já viu alguém usando algum desses para fazer fogo? Os moradores mais antigos disseram que, quando trabalhavam na roça e precisavam fazer comida, amontoavam três pedras como se fosse um triângulo (ou um tripé), faziam fogo no centro e colocavam a panela em cima para cozinhar. A este “fogão artesanal” eles davam o nome de TACURU ou TAPURU. Você já ouviu estes termos? Conhece outras palavras que signifiquem a mesma coisa? Quem as utiliza? Você já ouviu estas palavras com outros significados? Quais?

Quanto à lexia **bateia** (e suas variáveis **bateinha**, **tigela**, **prato** e **gamela**), esse grupo de informantes teve o seguinte inquérito: *Antigamente as pessoas que*

trabalhavam no garimpo aqui da Guia usavam os mesmos objetos do trabalho para as atividades domésticas, como utensílios domésticos. Os garimpeiros tinham um tipo de tigela feita de madeira ou metal e a usavam para a limpeza de pequenas porções de areia na busca pelo ouro. Esta mesma tigela substituíra o prato nas refeições. Você conheceu? Que nome você dá para este objeto? Você usa esta palavra? Os idosos usaram BATEIA e BATEINHA para identificar o “prato” feito na madeira. Você já ouviu esta expressão? Quem a utiliza (ou utilizava)? Você conhece outros nomes que representam este “prato artesanal”? Quais? Veja esta figura:

Você sabe o que é? Que nome você dá a este objeto?

Figura 20 – Bateia talhada na madeira
Fonte: Google Imagens

As diferenças entre o questionário do grupo B1 e B2 são quase imperceptíveis; contudo, simples alterações se mostraram primordiais para que a pesquisa se concretizasse, pois os mais jovens precisaram de um estímulo visual para assimilar e compreender as perguntas feitas, correlacionando-as ao objeto em estudo. Frente a isso, cremos que o elemento *idade* possa ser mais um dado para compor nossa análise, afinal, durante o inquérito, tal fator se mostrou um possível elemento de alteração do léxico.

Diante disso, a escolha de múltiplos instrumentos se confirmou como adequada às pretensões da pesquisa e, feito isso, os dados recolhidos nessa atividade *in loco* possibilitarão que se analise cada lexia no seu contexto de utilização e de acordo com o grupo que faz (ou não) uso dela.

Entendemos como importante sublinhar ainda que, por mais que nos esforcemos nas pesquisas, nas escritas, nas interpretações e no uso de recursos metodológicos para se chegar a uma análise assertiva e, pretensiosamente, definitiva, jamais a atenderemos por completo, pois, como sublinha Labov (2008, p. 216): “a língua nos fornece as formas para estabelecer e dar a conhecer na comunicação social as nossas representações de um mundo objetivo e de um mundo interior”, mas nunca nos mostra seu limite de uso e aplicação.

Isso posto, consideramos que o **processo de análise dos dados** deve observar a lexia numa ampla perspectiva que envolve o indivíduo no seu meio social, na interação com o outro, na capacidade de assimilar novos conceitos, na possibilidade de mudança pelo imperativo de inserção, na mobilidade física e na concretização do seu “eu”. Então, como analisar uma lexia isolada desses elementos? Isto é inviável e passível de resultado duvidoso.

A língua falada é resultado de inúmeros fatores internos e externos (a respeito disso, dedicar-nos-emos apenas a discutir elementos inerentes às questões sociais que cercam o falante, sem adentrar nas questões psicolinguísticas), os quais são formulados num processo de **aquisição – interiorização – repetição – ajustes – uso corrente**.

Podemos dizer que esse processo se inicia na **família**, onde toda a construção da linguagem do indivíduo por ser seu primeiro meio social, entendido como substrato étnico-cultural; sofre alterações quando esse sujeito-falante passa a interagir com o seu segundo grupo social: **os companheiros da escola, ou os amigos advindos desse ambiente ou de outros**; e se solidifica pelas escolhas que o falante faz conforme o ambiente e o grupo de que participa – ousamos, então, afirmar que a linguagem sofre modificação para *adequação ao ambiente e aos participantes do discurso*.

Nesse sentido, não entendemos a linguagem nunca como um processo estático, afinal o falante utiliza-se de variações, modernização ou manutenções frente a seus interesses e necessidades e, assim, o processo de construção e readaptação é contínuo.

Usualmente, defendemos que a linguagem deve ser investigada em seu contexto para se obter um *produto* mais genuíno e, portanto, mais próximo do verdadeiro léxico utilizado pelo falante.

Desse modo, deve-se considerar que as opções lexicais desse sujeito investigado serão o reflexo das motivações, das percepções e das relações estabelecidas entre o falante e o seu entorno, entendendo, ainda, que o falar se torna a *marca* de um indivíduo, o qual reconstitui suas raízes étnico-culturais, mesmo que involuntariamente, quando se sente à vontade no ato comunicativo.

Em um cenário de investigação, interessa-nos abstrair do falante/informante sua forma mais peculiar de falar e de se expressar, considerando, ainda, as ponderações de Santos (2006), para quem:

A abordagem do aspecto semântico-lexical de uma língua natural passa necessariamente pelo estudo dos diferentes modos de apreensão da realidade por parte dos interlocutores, num dado universo cultural. Em suas interações, quer como falantes, quer como ouvintes, os diferentes interlocutores, como membros de uma determinada comunidade lingüística, servem-se do léxico para produzir atos de fala e interpretá-los a todo instante. Trata-se de um processo dinâmico que põe em relevo aspectos semântico-lexicais. Na verdade, os atos de fala constituem etapas de elaboração e reelaboração da norma de uma dada comunidade, os quais adquirem um caráter particular em função das variáveis extralingüísticas presentes numa determinada localidade. (SANTOS, 2006, p. 95)

Assim, mesmo reconhecendo que os indivíduos frente a desafios externos (entrevistadora + gravador + interesse em ouvir + perguntas que poderão vir + necessidade de pensar respostas) possam modificar singularmente seu vernáculo, reiteramos nosso interesse em analisar suas escolhas semântico-lexicais, utilizando-nos da narrativa livre e do questionário semiestruturado (arguídos nos itens anteriores a esta discussão) para a coleta *in loco*, pois estes recursos propiciam que se explore um conjunto vocabular mais produtivo para a análise aqui pretendida.

Sobre os sujeitos da pesquisa (perfil e requisitos) e os resultados coletados *in loco*, dedicamos os capítulos a seguir.

CAPÍTULO III

SUJEITOS DA PESQUISA:

CARACTERIZAÇÃO E PERCEPÇÕES

As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico. (BOURDIEU, 1977)

3.1 PAPEL DO PESQUISADOR/INQUIRIDOR NO *LOCUS* DA PESQUISA

A pesquisa *in loco* exige atenção e cuidado do pesquisador, uma vez que pressupõe desafio e despojamento, como bem infere Silva Neto (1957), para quem este tipo de investigação não pode ser pensado como um esquema estático, pois cada região tem suas características próprias, incapazes de serem conhecidas e analisadas senão pelo olhar daquele que investiga, pelos seus experimentos no terreno investigado e com as pessoas que ali estão.

Todo o investigador anseia ter ricos materiais de pesquisa (sejam eles resultantes de teorias já pré-estabelecidas ou informações coletadas no campo) e, principalmente, produzir um trabalho que sirva de base a outras buscas e, além disso, possa denotar excelência. Contudo, convém pontuar que a *riqueza* pretendida pelo pesquisador nem sempre está à sua disposição; ela precisa ser pensada, elaborada, trabalhada, experimentada e, por fim, utilizada na sua plenitude.

Nessa perspectiva dirigem-se os trabalhos elaborados a partir dos inquéritos feitos nas diversas localidades brasileiras, investigadas para a constituição de atlas linguísticos e estudos lexicais, onde os inquiridores se utilizam de todas as habilidades comunicativas para explorar o melhor dos seus inquiridos e, assim, produzir ciência, saber e história.

Caruso (2005) reproduz a “saga” dos investigadores no seu artigo **Metodologia da Pesquisa Dialetológica** e nos incentiva a contribuir com a história daqueles que fazem da pesquisa social um ato de interação contínua com o outro, pelas vias da comunicação aparentemente despreocupada com as questões formais da língua, mas totalmente imersa no registro das variedades dos falares tipicamente brasileiros.

De tal modo, retornamos ao Distrito de Nossa Senhora da Guia dispostos a andar por suas ruas de paralelepípedos, asfalto ou chão batido, bater às portas de seus moradores, reencontrando informantes de 2007 e formatando um novo grupo de pesquisa em 2011. Já tínhamos tido a experiência de buscar auxílio na subprefeitura, pois compreendíamos que, por ser um órgão público, teríamos

indicação de informantes e colaboradores para a pesquisa; contudo, como essa tentativa se mostrara pouco válida no período do mestrado (BERTOLDO, 2007), optamos por chegar às casas sem tal ajuda e falar diretamente com seus moradores.

Assim, iniciamos a pesquisa, revisitando os moradores idosos que foram os primeiros sujeitos da pesquisa, colaboradores naquela ocasião, uma vez que já conhecíamos o grupo e isso poderia facilitar nossos contatos.

Partimos da praça principal, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Guia e, de imediato, encontramos com três jovens sentadas na calçada, conversando. Como também nos interessava pesquisar este grupo, antes de seguirmos em direção à casa dos informantes idosos, fomos verificar se elas se encaixavam no perfil pretendido.

Ficha de identificação e gravador em mãos, primeiramente fizemos algumas perguntas simples e, tendo constatado que a configuração dessas moradoras atendia ao que buscávamos, perguntamos se poderíamos gravá-las e começamos a entrevista. Utilizamos dessa mesma técnica de interceptação e inquirição com todos os informantes que ainda não conhecíamos.

O retorno aos idosos que participaram da pesquisa de mestrado foi tranquilo e bastante acolhedor. As entrevistadas desse grupo receberam-nos com carinho; mostramos suas fotos de 2007, conversamos sobre as mudanças físicas visíveis e sobre os fatos que haviam ocorrido desde então na Guia, seguindo com o roteiro pré-estabelecido de temas a serem abordados para registrar o léxico dos idosos, pertencentes ao primeiro grupo de pesquisa.

Os inquéritos com os novos informantes da Guia exigiram mais cuidado e atenção, pois havia necessidade de apresentar as razões do trabalho e convencer os moradores a participar das entrevistas. Para tal, a comunicação clara, com objetividade (identificamos que esclarecer demais o motivo da pesquisa e detalhar o porquê deste trabalho inibe os informantes e melindra o contato) e o trato simples – mas incapaz de influenciar o *linguajar* do sujeito de pesquisa – garantiram maior receptividade e acolhida.

Faz-se primordial destacar que, assim como nos deixamos influenciar pelos *sotaques* quando estamos em determinadas regiões brasileiras (a exemplo do falar nordestino) e chegamos até a imitá-los, podemos também interferir, mesmo que inconscientemente, na fala dos sujeitos pesquisados. Isso, de certo modo, induz o resultado da pesquisa, pois o informante está atento ao que falamos, como o fazemos e como nos portamos em sua presença; prova disso é que, não raras vezes, fomos questionados, especialmente pelos mais jovens, com frases do tipo “hum... eu falo *matagal*. Você fala assim também?” (exemplo de resposta dada à pergunta: *Quando algum local de acesso público está tomado pelo mato, com plantas de todas as espécies, descuidado e sujo, você diz que aquele local está um ... ?*), ou ainda mais desafiadoras como: “eu não sei que nome tem isso. Como é que você fala? Diz *pra mim* ver se é igual?” Para ambas as situações, o pesquisador/inquiridor precisa articular-se de modo a não dar respostas. Apenas provocá-las.

Os desafios são constantes nas pesquisas desse porte e com essa característica, pois, como bem destaca Caruso (2005, p. 375-76):

[...] todo o pesquisador busca encontrar a linguagem informal do seu Informante, aquele tipo de linguagem que ele usaria com os seus amigos, com os seus familiares, enfim, no dia-a-dia.

Interessante observar que, embora seja esse o tipo de língua buscado pelo pesquisador, o próprio pesquisador é, para o informante, um elemento estranho, um desconhecido, munido de gravador, lápis e papel, falando uma língua diferente da sua.

Por fim, enfrentadas as barreiras múltiplas da pesquisa *in loco*, apresentamos os sujeitos desta investigação e suas características.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Antes mesmo de abordarmos o perfil e a escolha dos pesquisados para a tese aqui apresentada, cabe-nos mencionar, embora de forma sucinta, acerca da seleção dos termos que designarão os falantes tomados para esta investigação; afinal, quando o objeto levado à análise é o *falar*, ou *as formas de falar*, há que se pensar nas fontes que subsidiarão o trabalho a partir de suas informações, comentários e interação com a pesquisa em desenvolvimento.

Observando os atlas linguísticos, bem como algumas das publicações disponíveis nesse sentido as quais se reportam aos resultados das pesquisas dialetológicas, verificamos que há a utilização do termo **informante** para designar os falantes pesquisados nos pontos de inquérito, sempre seguido do perfil determinado desse interrogado. Contudo, a pretensão em encontrar subsídios teóricos que viabilizem a justificativa das escolhas terminológicas que fazemos nos conduz para as discussões sociolinguísticas e, desse modo, deparamo-nos com uma afirmativa de Rey²⁴ (2007, p. 326) ao contribuir nessa direção:

[...] os estudos terminológicos deixaram para trás a tecnologia de Wüster e foram deliberadamente ao encontro da sociolinguística, especialmente em circunstâncias sensíveis em que a regulamentação do uso era necessária, por exemplo, através do contato entre as línguas e como uma reação ao imperialismo cultural.

Necessário se faz agregar, porém, que esta afirmativa de Rey se baseia na discussão em torno das línguas que, em face de uma imposição nacional (o autor cita o francês de Quebec, o catalão de Catalunha e o euskera dos Países Bascos), sentem-se ameaçadas de desaparecimento e, por isso, buscam *orientação sociolinguística* para defender aquilo que consideram sua identidade cultural.

²⁴Autor do texto *Terminology between the experience of reality and the command of signs* traduzido por Juliana Monteiro dos Santos Almeida, com revisão de Rosalia Garcia e Anna Maria Becker Maciel. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No trabalho em questão, essa ponderação de Rey (2007) promove a compreensão de que, ao estabelecermos a nomenclatura que denominará os habitantes inquiridos durante a investigação semântico-lexical, buscamos fixar e evidenciar a importância desses *personagens* na constituição de toda a pesquisa e, por isso, esclarecemos:

Ao usarmos o termo **informante**, fazemo-lo com o propósito de posicionar o pesquisado como aquele que fornece elementos à análise, de forma direta e objetiva, quando inquirido sobre as lexias em estudo. Nesse momento, em que as perguntas exigem respostas breves e pontuais (a exemplo de: *Os idosos usaram BATEIA e BATEINHA para identificar o “prato” feito na madeira. Você já ouviu esta expressão? Quem a utiliza (ou utilizava)? Você conhece outros nomes que representam este “prato artesanal”? Quais?*), o pesquisado limita-se a responder ao inquérito sem acrescentar novas informações.

O oposto é verificado na utilização do termo **sujeito da pesquisa**.

O emprego desse termo sugere que o inquirido não apenas responde às perguntas que lhes são feitas, como participa ativamente do processo de investigação, ao fornecer outros elementos passíveis de promoverem a análise. São discursos complementares, ponderações adicionais aos incentivos feitos pelo pesquisador, análise do entorno, elementos da história de vida que formulam um cenário muito mais amplo daquele resultante do questionário semântico-lexical. O **sujeito da pesquisa** se faz perceptível quando o elemento *narrativa livre* é agregado à investigação.

Frente a isso, nesta tese, ousamos utilizar, paralelamente, os termos **informante** e **sujeitos da pesquisa** para designar os pesquisados, tendo a concepção de serem elementos que se complementam na pesquisa semântico-lexical.

3.3 MORADORES DO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA: SUJEITOS DA PESQUISA E INFORMANTES DA HISTÓRIA

Como já mencionamos no capítulo introdutório desta tese, aos olhos do pesquisador, Guia é um local com características interioranas (todos se conhecem e sabem um pouco da vida do outro) e, por isso, nas tentativas de selecionar informantes para as três faixas etárias da pesquisa (de 19 a 29 anos, de 30 a 59 anos e acima de 60 anos), deparamo-nos com muitos pesquisados pertencentes ao mesmo grupo familiar (de filhos a netos), morando em pontos diferentes do Distrito. Tal cenário possibilitou constituir uma rede de sujeitos de pesquisa “correlacionados” e que podem, de certo modo, identificarem-se, também, por meio do léxico utilizado.

Assim, para esta pesquisa, optamos pela formação de dois grupos principais, os quais, a partir de agora, nomearemos de *grupo primário* e *grupo secundário*. O **grupo primário** está subdividido em dois subgrupos, tendo, no primeiro (A1)²⁵, informantes que participaram da pesquisa de mestrado (BERTOLDO, 2007) e, no segundo (A2), sujeitos de pesquisa com o mesmo perfil, mas que não tiveram contato com o trabalho anterior. Para ambos os grupos, observaram-se, como requisitos de seleção: **informantes com idade igual ou superior a 60 anos, nascidos no local ou que tenham vindo para o Distrito da Guia ainda crianças, analfabetos ou semialfabetizados, com profissão definida e sem necessidade de mobilidade.**

O **Grupo secundário** também se caracteriza por dois subgrupos (B1 e B2), sendo que: o primeiro (B1), com pesquisados na faixa etária de 19 e 29 anos e o segundo (B2), com informantes cujas idades variam de 30 a 59 anos. Para ambos os grupos foram estabelecidos, ainda, como requisitos: **grau de escolaridade igual ou superior a ensino fundamental completo e que sejam filhos de pais nascidos no local de pesquisa ou nas proximidades.** Para esses sujeitos, não há como delimitar profissão definida e sem necessidade de mobilidade, pois se trata de

²⁵ A partir deste momento, faremos uso das designações A1, A2, B1 e B2 para caracterizar os informantes pertencentes a cada grupo, de modo evitar a repetição de orações longas para nomear os pesquisados.

informantes pertencentes à categoria mais jovem e que vai à capital com maior frequência, seja para ter acesso a eventos culturais ou sociais ou, ainda, para capacitação profissional, uma vez que, no Distrito da Guia, há apenas escolas de ensino fundamental e médio (não-técnicos).

Observadas essas condições, apresentamos o perfil dos sujeitos de pesquisa delimitados para esta tese, entendendo que, em dado momento, eles se posicionam como informantes da história, que participará da análise final:

- I. Duas informantes do **grupo de idosos do mestrado** (BERTOLDO, 2007) sendo uma com 94 anos e outra com 78 anos; ambas analfabetas e residentes na Guia desde muito pequenas. Esse grupo não foi expandido, em virtude da impossibilidade de contato com os demais pesquisados no trabalho de mestrado, pois quatro informantes faleceram, um deles está morando com o filho em outra localidade, um está enfermo e incapaz de se comunicar e outras duas informantes não foram localizadas nos seus antigos endereços. Como o retorno a esse grupo visava à comprovação das lexias utilizadas na pesquisa anterior, entendemos como possível trabalhar com o número limitado de informantes.
- I. **Informantes pertencentes a um novo grupo de idosos** (com idade igual ou superior a 60 anos), constituído por: cinco informantes do sexo masculino, todos nascidos no Distrito da Guia – zona rural, filhos de pais agricultores também nascidos na localidade, aposentados, analfabetos ou semialfabetizados, e uma informante do sexo feminino, nascida na localidade, filha de pais lavradores, dona de casa, analfabeta.
- II. **Informantes com idade entre 19 e 29 anos**, denominados de *Grupo B1* e é formado de: três informantes do sexo feminino e dois do sexo masculino; todos nascidos no distrito da Guia, filhos de pais também nascidos na localidade ou que vieram muito pequenos para o local. Informantes com ensino médio concluído ou em fase de conclusão.

- III. **Moradores pertencentes ao grupo B2, com idade entre 30 e 59 anos**, dos quais foram entrevistados quatro informantes: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Todos com profissão definida (servidor público, auxiliar de serviços gerais, cozinheira e atendente), nascidos na Guia e filhos de pais também guienses, agricultores, com ensino fundamental e médio completo ou incompleto.

Para dar maior visibilidade ao perfil dos informantes, selecionados para esta pesquisa, organizamos os dados individuais em tabelas²⁶ nas quais se evidenciam:

Tabela 2: Perfil dos informantes por sexo e faixa etária:

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
19 – 29	02	03	05
30 – 59	02	02	04
60 +	05	03	08
Total	09	08	17

Tabela 3: Perfil dos informantes por sexo e grau de escolaridade:

Escolaridade	Masculino	Feminino	Total
Analfabeto	03	03	06
Semialfabetizado (Apenas a 1ª. série do E.F.)	02	00	02
Ensino Fundamental Incompleto (Até 4ª.série do E.F.)	00	01	01
Ensino Fundamental Completo	00	01	01
Ensino Médio Incompleto	03	00	03
Ensino Médio Completo	01	03	04
Total	09	08	17

²⁶ Este modelo de tabelas está registrado no artigo **Atlas Linguístico do Paraná – gênese e princípios metodológicos**, da Profª Vanderci de Andrade Aguilera, publicado na obra: *A Geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*, 2005, p. 152 e 153, organizado pela mesma pesquisadora-autora.

Tabela 4: Perfil dos informantes por idade e grau de escolaridade:

Idade	Analfabeto	Semi-alfabetiz.	Ensino Fundam. Incompl.	Ensino Fund. Completo	Ensino Médio Incompl.	Ensino Médio Completo
19 – 29	00	00	00	00	02	03
30 – 59	00	00	01	01	01	01
60 +	06	02	00	00	00	00
Total	06	02	01	01	03	04

A realidade escolar dos informantes idosos era esperada, em virtude do que estabelecemos como requisito para o entrevistado pertencer a esse grupo: *preferencialmente analfabeto ou semialfabetizado*. Nos grupos mais jovens, contudo, foi estipulado como requisito escolar ter, pelo menos, o ensino fundamental completo e, frente a esse quesito, ao instituímos uma relação entre os dados numéricos extraídos das fichas dos informantes (reproduzida do ALiB e elaborada para identificar os pesquisados) com os dados adicionais ouvidos durante a narrativa livre, verificamos que os pertencentes à faixa etária de 19 a 29 anos se preocupam em concluir o ensino médio e poucos visualizam o ensino superior e/ou atribuem a este condições de melhorar e progredir na vida profissional. Prova disso são as declarações de duas informantes desse grupo, as quais disseram que:

[...] a conclusão do Ensino Médio já é suficiente para a grande maioria dos jovens da Guia, pois aqui não há trabalho para quem faz uma faculdade. A mão-de-obra se resume em trabalhar na Caieira (*empresa de mineração*), na Prefeitura ou em qualquer lojinha do comércio. Pra isso, não precisa mais do que o segundo grau. Além disso, para poder fazer uma faculdade tem que ir até Cuiabá ou trabalhar e morar lá e não é todo mundo que pode fazer isso. (L., 20 anos, solteira, operadora de caixa)

Ah, eu terminei o segundo grau e só. Vou fazer faculdade pra quê? Aqui não tem trabalho pra quem faz uma faculdade e aí tem que ir trabalhar em Cuiabá e eu não quero sair daqui. Também tem a questão financeira, né? O transporte o prefeito dá até Cuiabá, mas daí tem que pagar a faculdade, tem despesa com livro, às vez (*sic*) moradia, e não dá. Prefiro ficar aqui na Guia, ter um trabalho que me paga o que preciso pra viver e ta bom. Tenho amigos, faço festa final de semana, me divirto. Tá bom assim. (INFORMANTE, 21 anos)

A aparente tranquilidade de estar na Guia, trabalhar em uma das vagas que o Distrito oferece, poder estar com a família e com os amigos, parece ser o suficiente para a grande maioria dos jovens entrevistados. Desses, apenas uma das informantes se mostrou motivada a cursar o ensino superior (*“Quero fazer Direito. Vô pra Cuiabá fazer esse curso, depois quero ser advogada, juíza... quero estudar. Meu pai me disse pra ir e já até arrumo um dinheiro para me ajudá.”* – L. 19 anos, estudante) e, para isso, mencionou durante as entrevistas que estava se preparando para fazer o processo seletivo no final de semana seguinte à nossa visita em sua casa.

O distrito da Guia oferece escolas públicas com ensino fundamental e médio e, para possibilitar que os moradores tenham acesso ao ensino superior, diariamente é disponibilizado um ônibus que transporta, gratuitamente, os estudantes até Cuiabá.

A realidade educacional percebida na Guia pode ser avaliada como um fator determinante para a realidade socioeconômica do local, pois, não raras vezes, ouvimos dos moradores idosos que muitos jovens preferem morar e trabalhar na capital porque Guia não oferece estudos, diversão e mercado de trabalho. Essa realidade diverge da registrada na fala dos informantes de 19 a 29 anos, porém, aos olhos dos moradores com mais de 60 anos, esse fator impede o desenvolvimento da Guia no que se refere, especialmente, à abertura de novas vagas de trabalho, expansão territorial, novas obras e edificações.

Essa percepção registrada a partir das falas dos moradores do Distrito da Guia assemelha-se à realidade percebida na região Centro-Oeste²⁷ com 30% da população analfabeta na faixa etária acima de 60 anos e 16% entre 15 a 40 anos. Julgamos ser esse último dado um índice relativamente alto, dadas as condições atuais de ingresso à escola, seja no ensino regular ou na modalidade EJA, além das

²⁷ Dados extraídos do IBGE – Quesito “Educação/Centro-Oeste”, disponíveis em: http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2010/default_tab.shtm

incessantes ofertas e incentivos financeiros do governo e das instituições privadas para a continuidade dos estudos, seja nos cursos técnicos ou no ensino superior.

Essa é uma discussão que levaria a tantas outras análises socioeducacionais as quais não são objeto de estudo desta tese e, por isso, apenas trazemos tal dado para levantar hipóteses que possam contribuir nos estudos semântico-lexicais pretendidos.

Desse modo, para chegarmos às conclusões desejadas nesta pesquisa e apontar elementos que nos levem à certificação da manutenção, mudança ou variação semântico-lexical no falar da Guia, a partir dos elementos linguísticos, socioculturais e etnográficos registrados e percebidos, precisamos nos cercar de outras informações que contribuam nesse sentido. E, para isso, utilizamo-nos dos dados trazidos pelos informantes para criar “redes” de contatos que possam, também, interferir nos resultados finais obtidos nesta investigação.

Para tal, agrupamos os informantes por “grupo familiar” de modo a verificar, posteriormente, se essa relação interfere no léxico produzido pelos falantes pesquisados. Assim, temos:

Informante 1- Grupo A1:

Mãe da informante 1- Grupo B2

Informante 1- Grupo A2:

Cunhado do Informante 2 - Grupo A2

Informante 3 - Grupo A2:

Mãe do Informante 2 - Grupo B2

Sogra da Informante 3 - Grupo B2

Informante 2 – Grupo A1

Avô das Informantes 1 e 2 do Grupo B1

Informante 4 – Grupo A2
Pai da Informante 3 – Grupo B1

Os demais informantes – que não partilham da rede familiar – constituem outros grupos sociais que também se interligam e interagem.

A saber:

Informante 4 – Grupo B2
Amigo das Informantes 1 e 2 do grupo B1

Informante 5
Informante 6
Informante 7

Todos pertencentes ao grupo de idosos – A2 - participam da mesma Associação para a Terceira Idade que funciona na Guia, conhecem-se e partilham de interesses comuns.

Se essa relação produz, verdadeiramente, singularidade nos dados coletados e, conseqüentemente, manutenção semântico-lexical enquanto representatividade do grupo social ao qual pertence, é o que argumentaremos no capítulo a seguir, quando analisarmos as informações trazidas pelos sujeitos da pesquisa e direcionarmos nossa discussão à verificação da manutenção, variação ou mudança semântico-lexical.

CAPÍTULO IV

BAMBURRO, TACURU E BATEIA:

LEXIAS ESTUDADAS

[...] el lenguaje se presenta como un fenómeno tan polifacético y que impregna en medida tan considerable las restantes manifestaciones del hombre – siendo incluso la expresión necesaria de algunas de ellas – que las confusiones y parcializaciones se dan, quizá, en este campo con más facilidad que en otros. Y, sobre todo, puede muy fácilmente suceder que se tome por esencial y primario lo secundario, accesorio y derivado.

(COSERIU, 1977)

A língua, por ser um mecanismo vivo, é fonte inesgotável de investigação e, a cada nova análise, elementos não percebidos – ou, simplesmente, ainda não discutidos – ampliam o cenário linguístico e propõem um novo olhar sobre os falantes, identificando, em suas escolhas lexicais, os motivadores que fazem da linguagem um elemento tão rico em possibilidades e investigações.

Participar dessas discussões sobre a análise semântico-lexical no distrito de Nossa Senhora da Guia é a pretensão deste trabalho que, por meio deste capítulo, traz os registros feitos *in loco* e analisa a manutenção, variação ou mudanças semântico-lexicais dos elementos:

1. TACURU

Figura 21 – Fogão artesanal – *Tacuru* – feito na casa de uma das informantes

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em janeiro de 2007.

2. BAMBURRO

Figura 22 – Bamburro

Fonte: Google Imagens, acesso em 15/fev./2012

3. BATEIA

Figura 23 – Bateia

Fonte: Google Imagens, acesso em 15/fev./2012.

4.1 BASES TEÓRICAS:

Pesquisas iniciadas por Gilliéron, através do *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910), motivadas no Brasil por Amadeu Amaral (1920) e Mário Marroquim (1934) e seguidas nos trabalhos de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, constituem as referências para esta tese.

Contudo, as investigações e as análises aqui feitas são uma parte muito pequena do amplo trabalho que se tem desenvolvido a partir das ciências da linguagem, o qual se mostra bastante produtivo e tem delimitado as características, tornando a língua portuguesa, na sua variante brasileira, tão singular e produtiva.

Nessa perspectiva nos direcionamos, apoiados, sobretudo, na crença de que “é o povo que faz a língua ser como ela é, transformando-a em muitas linguagens, sem que perca a unidade fundamental, que determina a identidade histórica que, ao mesmo tempo identifica e diferencia seus falantes”. (NOGUEIRA, 1998, p. 143)

Devido ao fato de nosso *corpus* ser a língua falada, não há outro meio e fonte de investigação que não seja o **falante** no seu processo comunicativo, com suas escolhas lexicais – especialmente inseridas em um contexto determinado – com a sua história de vida e suas motivações para tal. Portanto, as discussões que envolvem a linguagem não se dissociam desse **indivíduo e seu entorno**, pois, como sabemos, a língua é resultado da interação entre os sujeitos falantes, e o contexto dessa interação é o que determina as escolhas lexicais e define o conjunto vocabular desse falante.

Assim, se compreendemos e aceitamos que as mudanças semântico-lexicais se consolidam pela ocorrência, e sua difusão se dá pelo movimento dos falantes, então devemos questionar quais são os dados e os elementos inerentes ao falar e presentes na comunidade os quais nos levarão à comprovação desse fato. E, ainda, de que forma esses elementos proferidos no discurso dos sujeitos de pesquisa ou perceptíveis na comunidade investigada confirmarão o movimento feito pelo *corpus* no *locus* determinado. Como detectar os *movimentos* gerados pela língua para que sejam capazes de transformar o léxico do falante? Onde assentar os

argumentos para justificar essas mudanças e marcá-las como modernizações? Ou então, como levantar dados que indiquem um processo estático, ou seja, onde a língua se mantém sem grandes modernizações mesmo influenciadas pelo entorno?

Essas questões se motivam, ainda, pela afirmativa de Bloomfield (1933) para quem:

Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que interagem por meio da fala. [...] Duas pessoas – ou, antes, talvez, nenhuma pessoa em diferentes épocas – jamais falam exatamente do mesmo modo. [...] Essas diferenças desempenham um papel muito importante na história das línguas; o linguista é forçado a considerá-las muito cuidadosamente, embora em algumas partes do seu trabalho ele seja forçado provisoriamente a ignorá-las. [...] (BLOOMFIELD, 1933, in WEINREICH *et alii*, 2006, p.58)

Desse modo, para responder ao exposto (e quiçá a outras perguntas que surjam ao longo das análises) pautamo-nos na **dialetologia** enquanto ciência que propicia a análise e a interpretação dos fatos linguísticos, baseada nos requisitos a determinarem os sujeitos de pesquisa e delimitarem os grupos em estudo. Por meio das discussões da **sociolinguística**, queremos tratar das variações linguísticas, a partir dos fenômenos sociais percebidos na comunidade investigada e no objeto de investigação (o falar dos moradores da Guia). Isso por entendermos ser por meio dessa ciência que conseguiremos ampliar o centro analítico do dado linguístico, identificando o **meio/contexto** em que o falante está inserido como motivador de suas características socioculturais, perceptíveis nas escolhas lexicais feitas por ele. Importante destacar que, assim como Silva-Corvalán (1988), consideramos essas ciências sinônimas, devido ao objeto de estudo (a língua falada)²⁸.

Será também pelos olhares sugeridos pela etnografia que poderemos elencar dados e fatos não linguísticos, mas que tenham provocado a mudança, a

²⁸ Silva-Corvalán (*In* FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 19) afirma que “Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística.”

variação ou a manutenção semântico-lexical no *locus* da pesquisa, de modo a evitar afirmativas equivocadas ou ambíguas.

Cabe-nos, ainda, salientar que as análises terão o subsídio das acepções registradas nos dicionários²⁹ de Pe. Raphael Bluteau – 1712, Antônio de Moraes Silva – 1813, Frei Domingos Vieira – 1871, Laudelino Freire – 1922, Francisco Júlio Caldas Aulete – 1948, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 1986, Francisco S. Borba – 2002 e Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – (Houaiss) 2009³⁰, de modo a contribuir na compreensão do uso da lexia no contexto da fala.

Destacamos, igualmente, que os dados aqui apresentados observam a ordem dos campos semânticos explorados nas entrevistas (*ambiente e vida doméstica*) e estão compilados, primeiramente, conforme os grupos sociais investigados, trazendo as variações apresentadas em separado. Seguimos com as tabelas consolidadas coletivamente e os conceitos registrados nos dicionários supracitados.

As análises conclusivas encerram as discussões deste capítulo.

4.2 TABELAS DE OCORRÊNCIAS

O distrito de Nossa Senhora da Guia é composto por, aproximadamente, 12.000 habitantes divididos entre zona rural e zona urbana. É difícil certificar-nos desse dado, uma vez que o IBGE nada registra sobre isso e cada morador afirma ter um número diferente³¹.

²⁹ “Optamos por estes dicionaristas para trabalhar com as várias fases da língua portuguesa, uma vez que aí estão dicionários que trazem os léxicos do séc. XIX, XX e XXI. As acepções serão reproduzidas aqui tal qual se encontram nos dicionários, sem modernização ortográfica ou qualquer correção e adequação. Dessa forma, pretendemos garantir a melhor compreensão do processo realizado na análise das lexias.” (BERTOLDO, Dissertação de Mestrado, 2007, p. 80)

³⁰ Diferentemente dos demais dicionários que serão transcritos do trabalho de 2007, o *Dicionário Houaiss* será consultado já na versão atual (2009) para verificação de alguma possível alteração.

³¹ Como o distrito da Guia pertence a Cuiabá, o IBGE não registra (ou publica) separadamente os dados estatísticos da localidade, o que inviabiliza a comprovação do número exato de moradores. Em

Assim, nesse cenário de quantidade incerta, trabalhamos com 18 informantes, sendo: dois pertencentes ao grupo acima de 60 anos – revisitados da pesquisa de mestrado (BERTOLDO, 2007), sete informantes do segundo grupo de idosos constituídos para esta pesquisa de doutorado, cinco sujeitos de pesquisa do perfil de 19 a 29 anos e quatro na faixa etária de 30 a 59 anos (os requisitos observados em cada grupo já foram apresentados e justificados).

Para melhor visualizarmos os dados registrados nesses grupos, formatamos duas tabelas que reúnem as lexias anotadas, tanto nas conversas semidirigidas como nos questionários semântico-lexicais aplicados. Nessas tabelas, temos os representativos dos grupos A1 e A2 – faixa etária acima de 60 anos, e as ocorrências dos grupos da segunda e terceira faixas etárias investigadas, ou seja, de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos, respectivamente.

Ambas as tabelas apresentam:

- *Lexia de entrada* com o vocábulo principal a ser investigado. Tais palavras foram designadas como “entrada”, dado o número de ocorrências registrado no falar dos idosos na dissertação de Bertoldo (2007). Como naquela oportunidade, o foco estava na investigação do falar dos moradores com idade igual ou superior a 60 anos, partimos desses resultados obtidos em 2007 para propor o segundo trabalho investigativo no Distrito da Guia.

- *Número de Ocorrências*: para atender nossa proposta de pesquisa, dividimos as lexias de acordo com cada grupo explorado, uma vez que, no grupo *idosos*, tínhamos duas pretensões: 1ª: retornar aos informantes consultados na primeira pesquisa (BERTOLDO, 2007) para verificar se o vocabulário utilizado agora é, de fato, comum no falar, ou se foi, de certa forma, articulado pelo falante naquele momento apenas; 2ª: conhecer e entrevistar outros informantes idosos para verificar se as lexias em estudo são comuns no conjunto lexical dos sujeitos de pesquisa dessa faixa etária ou, ainda, se tal léxico se alterna. Da mesma forma, dividimos o

recorte social caracterizado como *jovens* em duas categorias, visando ao levantamento de dados a partir do quesito idade.

- *Variantes nos grupos*: no questionário, a pergunta: *Você conhece outras palavras para...?* possibilitou o registro de outras lexias para aquela estabelecida como de entrada. Esse cenário também recebe atenção ao longo da análise, uma vez que se mostra bastante produtivo quanto à variação e sugere um panorama de múltiplas interpretações.

- *Número de Ocorrências com Valor Ø*: delimitar o número de ocorrências de cada termo para verificar a frequência de uso em cada grupo. O valor Ø indica que a lexia não foi usada pelo informante e nem reconhecida enquanto vocabulário corrente em outro grupo investigado.

A partir do exposto, apresentamos as tabelas:

Tabela 5 – Ocorrências entre os idosos – Acima de 60 anos

Lexia de Entrada	Nº. de ocorrências da lexia de entrada no grupo dos idosos A1	Variantes entre os idosos A1	Nº. de ocorrências dessas variantes	Nº. de ocorrências da lexia de entrada no grupo dos idosos A2	Variantes entre os idosos A2	Nº. de ocorrências dessas variantes
BAMBURRO	02	Matinho	01	06	Matinho	01
		Capoeira	01		Capoeira	Ø
		--	--		Carravascá	01
		--	--		Charravasca	01
		--	--		Cerrado	01
TACURU	02	Não há ocorrências	Ø	07	Tacuruzinho	02
BATEIA (como sinônimo de prato)	Ø	Prato de barro	02	Ø	Prato de barro	06
		Gamela de pau	02		Gamela de pau	01
		Gamelinha de pau	01		--	--
		Tigela	01		--	--
BATEIA (específico para objeto de garimpo)	02	Não há ocorrências	--	07	Não há ocorrências	--

Tabela 6 – Ocorrências - Faixa etária de 19 a 59 anos

Lexia de Entrada	Nº. de ocorrências da lexia de entrada no grupo B1 (de 19 a 29 anos)	Variantes entre B1	Nº. de ocorrências dessas variantes	Nº. de ocorrências da lexia de entrada no B2 (de 30 a 59 anos)	Variantes entre B2	Nº. de ocorrências dessas variantes
BAMBURRO	Ø	Matagal	04	02	Matagal	02
		Lugar sujo	02		Capoeira	01
		Cheio de mato	02		--	--
TACURU	Ø	Fogão à lenha	04	02	Fogo de chão	01
		--	--		Tucuru	01
BATEIA (como sinônimo de <i>prato</i>)	Ø	Cuia	01	Ø	Prato	03
		Prato	03		Gamelinha de pau	02
		Gamela de pau	02		--	--
BATEIA (específico para objeto de garimpo)	02	Não há ocorrências	--	07	Não há ocorrências	--

Uma análise preliminar, com foco apenas nos dados acima registrados, já nos possibilita compor um cenário de variação e mudança semântico-lexical. Contudo, como nos propomos a analisar as lexias observando questões socioculturais e etnográficas, precisamos nos subsidiar dessas discussões para pontuar nossas conclusões.

Assim, além de olharmos amplamente para o *locus* e para o *corpus* deste estudo, traremos, da pesquisa de mestrado (BERTOLDO, 2007), as acepções registradas em Bluteau, Moraes Silva, Vieira, Freire, Aulete, Ferreira, Borba e Houaiss; atualizamos, apenas, os registros deste último lexicógrafo (Houaiss), em virtude da publicação da nova versão do seu dicionário, mesmo entendendo que nada tenha sido alterado nas lexias em estudo, face à datação dessas palavras.

4.3 ESTUDO DAS LEXIAS *BAMBURRO*, *TACURU* E *BATEIA*: ACEPÇÃO, OCORRÊNCIA E CONTEXTO DE USO NO FALAR DOS MORADORES DA GUIA

Passaremos, por fim, à análise de cada uma das lexias pretendidas neste trabalho, reafirmando nosso pensar de que toda a realização oral caracteriza e determina uma dada comunidade social pelas suas características étnico-culturais intrínsecas no falar e, por vezes, única desse núcleo de falantes.

Nesse sentido, Cristianini (2012, p. 22) aponta que:

À medida que o léxico se constitui, podemos observar como uma determinada comunidade vê o mundo que a rodeia, pois, por meio da língua, se deixam transparecer as ideologias, crenças, valores, costumes, práticas, hábitos e, conseqüentemente, as transformações sócio-econômico-político-culturais por que a comunidade passou em sua história.

Para tanto, apresentamos os trechos das entrevistas feitas com os idosos cujas lexias foram registradas nas pesquisas de 2007 e 2011, bem como dos registros feitos com os informantes dos grupos de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos, fundamentando nossas discussões nas ciências trazidas para este trabalho.

4.3.1 Lexia de entrada *Bamburro* e suas variantes

BAMBURRO foi utilizado pela primeira vez para descrever o local onde hoje está situada a Praça Central do Distrito da Guia, o qual, segundo a informante: “[...] era um **bamburro**, um mato.” (INFORMANTE 1/A1, 74 anos)

A narrativo-descritiva agregada à utilização da palavra possibilitou a compreensão de que se tratava de um espaço público de difícil acesso, cheio de mato e espinhos, a inviabilizar a passagem dos moradores; assim como na fala de muitos dos sujeitos pesquisados, para quem o cenário do distrito da Guia, em tempos idos, não poderia ser outro: o de muito mato, *muito cerrado*, *um bamburro*, afinal, Guia estava “nascendo” e a mata típica de cerrado tomava conta de todo o espaço.

Nesse mesmo sentido, apareceram as variantes *carravascá*, *charravascá*, *cerrado*, *mato*, *matinho* e *capoeira*, registradas, com maior ocorrência, na coleta *in loco* de 2011, nos seguintes contextos:

“A Guia quando eu era criança num tinha o que tem hoje. Num tinha casa, essas rua aí, praça, Era um **bamburro** só... um **cerrado** sem fim. Só tinha **mato** pra aqui pra ali. As casa era feita de sapê. Sabe o que é sapê? Era tudo de barro e sapê pra cubri!” (Informante 1/A2, 62 anos)

“Ah, tuda vida conheci aqui, tamanho desse (*faz um sinal de bebezinho*) e já vim vindo. [...] Tinha de tudo; era uma vilinha à toa; só **carravascá**, **cerrado**, não é?! Só tinha **matinho**. Agora já é uma cidadinha já. Você já andô por tuda parte já? Aumentô umas casa pra lá; agora tá uma cidadinha já. Tá ficando baum!” (Informante 2/A2, 72 anos)

“Quando nós era mocinho isso aqui tudo era um **bamburro**, **mato** mesmo. Nós carregava as coisa em carro de boi, ia na ferinha vendê, não tinha estrada. Era tudo **cerrado**, **mato**. Nós pegava o carro de boi, enchia de farinha de mandioca, arroiz e ía vendê pra comprá as coisa que não prantava”. (Informante 3/A2, 77 anos)

As variantes: *lugar sujo*, *cheio de mato*, *matagal* e *mato* foram registradas na fala dos informantes da faixa etária de 19 a 29 anos, sendo que apenas uma pesquisada evidenciou conhecer a palavra *bamburro* por ser corrente no vocabulário dos pais e avós; todavia, não a utilizava normalmente. Os demais informantes destacaram desconhecer a lexia em estudo, bem como as variantes utilizadas pelos informantes idosos.

Os fragmentos a seguir destacam as variantes mais frequentes entre esse público:

“Nossa Senhora! Não conheço essas palavra. Já ouvi **matagal**, mas não uso... falo **lugar sujo**, **cheio de mato**. Mas não uso nenhuma dessas palavra que você disse. Posso até usar **matagal**, mas não é sempre.” (*Informante 1/B1, 23 anos*)

“Eu digo só **lugar sujo**, lugar cheio de **mato**. **Matagal** eu uso, mas não é sempre. Nunca ouvi outra expressão pra isso.” (*Informante 2/B1, 19 anos*)

“É isso mesmo **matagal**. Eu já ouvi bastante falá **bamburro**. Sei o que é, mas não uso. Uso **matagal** mesmo.” (*Informante 3/B1, 21 anos*)

Entre os informantes da faixa etária de 30 a 59 anos, é possível verificar a existência de um léxico mais próximo ao utilizado pelos idosos. Além desse grupo se utilizar das variantes: *matagal* e *mato*, acrescentou *cerrado* e *bamburro* em suas falas, evidenciado nos seguintes contextos de utilização:

“**Bamburro** mamãe usava pra dizê **cerrado**, **matagal**. Eu mesmo uso mais **matagal** e, às vezes, eu digo **bamburro**. Não tem uma palavra certa, a gente fala o que vem na cabeça na hora, né.” (*Informante 1/B2, 39 anos*)

“Sim, eu uso e conheço essa palavra. A gente diz: ‘menino vai lá apanhá uma vara naquele **bamburro**!’ mas **bamburro** é **cerrado**, né, lugar de **mato**.” (*Informante 2/B2, 52 anos*).

No que se refere ao registro de *bamburro* nos dicionários, Bluteau (1712) e Vieira (1871) não o fazem; contudo, Silva (1813), Freire (1922), Aulete (1948) e Ferreira (1986) registram como *vegetação arbustiva, com aspecto de chavascal; charravascal muito sujo, mato emaranhado*, descrevendo a lexia tal qual foi utilizada pelos sujeitos de pesquisa tomados como referência inicial de todo este estudo.

Aulete e Ferreira contribuem, agregando, ainda, que tal substantivo é um regionalismo brasileiro, registrado em Mato Grosso.

Borba (2002) traz a lexia em seu dicionário, mas o faz com acepção adversa às anteriores. Para esse lexicógrafo, **bamburro** é: “*Bambúrrio/Bamburro* [Abstrato de estado] Facilidade na extração de farta quantidade de ouro”.

Houaiss destaca que **bamburro** é o mesmo que **bamburral**: “terreno” e registra a lexia como um “substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1.m.q. *bambual* Rubrica: botânica. Terreno de solo alagadiço, com vegetação pobre, emaranhada, pouco aproveitado para a pecuária ou outros fins; bamburro.” (HOUAISS, 2009)

A respeito de *bamburral*, registrado como sinônimo de *bamburro* por Houaiss, Ferreira agrega ser este um vocábulo brasileiro caracterizado por “vegetação imprópria para a alimentação do gado”, destacando, ainda, sua ocorrência nos Estados do Pará e de Mato Grosso, como: “vegetação arbustiva que nasce à margem dos rios e só a custo pode ser atravessada, por causa do emaranhado de cipós.”

Frente a tais observações, pontuamos ser *bamburro* lexia bastante frequente no falar dos moradores com idade superior a 50 anos e, mesmo não corrente entre os informantes mais jovens, ela é mencionada como “conhecida por ouvir falar” (a exemplo da informante 3/B1). Isso nos leva a crer que o fato de ser um regionalismo mato-grossense, assegura-lhe, senão a continuidade e manutenção, a possibilidade

de marcar os registros histórico-culturais produzidos pela linguagem “típica do Mato Grosso”.

Para corroborar esta afirmativa, adicionamos outros extratos da pesquisa *in loco*, nos quais confirmamos a presença de *bamburro* nas escolhas lexicais dos moradores do distrito da Guia e retiramos os registros colhidos nos dicionários tomados para este trabalho. Assim, temos:

"Ah, sim, **bamburro**. Quando era casa no sítio e tinha um terrero junta mato, para limpá dizia: vamo limpá o terrero que tá cheio de **bamburro**. **Bamburro** é aquele mato que cresce assim. (*Informante 4/A2, 71 anos*)

"Eu digo **capoeira**. **Bamburro** eu conheço; antes a gente não falava “arrancá mato”, a gente falava “vai arrancá **bamburro**!” **Bamburro** é mato, lugar sujo que tem que limpá.” (*Informante 5/A2, 76 anos*)

"Pra nós é aquele **cerrado** sujo, aquele cerradão muito sujo né? Aí a gente trata de **charravascá**.” (*Informante 6/A2, 67 anos*)

Por fim, mencionamos que *carravascá* não deve ser entendida aqui como uma variante semântico-lexical e sim uma alteração fônica de *charravascá* – presente na fala do informante de 67 anos e registrada por Silva, Freire e Ferreira, já descritos anteriormente.

4.3.2 Lexia de entrada *Tacuru* e suas variantes

[...] as palavras são um conjunto de formas fônicas e gráficas autônomas, estáveis, que constituem o léxico de uma língua. Os usuários de uma comunidade linguística as aprendem e utilizam para designar, distinguir e qualificar aquilo de que falam. (TAMBA, 2006, p. 70)

Ao discutirmos o registro e a ocorrência da palavra *tacuru* - e suas variantes – observamos, mais uma vez, os aspectos sócio-econômico-culturais da Guia, dada toda a trajetória histórica que já abordamos no capítulo inicial desta tese e, ainda, os registros etnográficos obtidos nesta pesquisa, os quais marcam a oralidade dos moradores idosos e constituem suas histórias de vida.

As narrativas que se seguiram à confirmação do uso da lexia *tacuru* se mostraram mais produtivas na fala dos idosos do que *bamburro* e *bateia* (também analisadas nesse trabalho), dada sua importância como local e/ou aparato para o preparo da comida.

Nesse sentido, *tacuru* passa a ser um elemento que refaz a história do passado dos informantes, fixando o período da infância e o convívio com os pais e irmãos, especialmente durante o trabalho na lavoura:

“Naquele tempo ia pro mato trabaiá e levava as panela de barro pra cozinhá no **tacuru** [...]. (Informante A1/2007, 68 anos)

“Eu vi muito mamãe cozinhando no **tacuru** que se fazia no meio do mato onde tava prantando.” (Informante A1/2007, 73 anos)

A exemplo do informante A2, de 66 anos, que mantém um *tacuru* em casa e enfatiza que esse tipo de fogão “faz comida mais gostosa e lembra o tempo da fazenda”, há que se destacar que o objeto rústicamente preparado exigia certas técnicas e cuidados em sua organização, que envolviam aprendizado e partilha de conhecimentos adquiridos nas tarefas diárias da vida na zona rural, tal qual as

informações apontadas nos extratos abaixo, que ressaltam o uso de um tipo específico de pedra na organização do *tacuru*:

“Era fogo de chão. A gente morava lá (*indicando a fazenda que se vê ao longe*) pra dizê a verdade quando nós mudamo pra cá (*indicando agora o centro da Guia*) eu nem sabia o que era geladeira, o que era nada. Fazia assim, falava fogão de **tucuru**. **Só que a pedra falava canga. Chamava canga. Só servia essa.** Era difícil esse tempo, mas se vai contá, igual eu tiro pros meu filho mesmo, contá, eles dizem ‘ah, mamãe, tempo antigo. Aquele tempo!’ eles nem acreditam. Eles não acreditam assi, igual se recrama alguma coisa e a gente fala ‘Ah, criança, se você visse como eu criada, o que a gente comia isso comia aquilo...’ Eles fala ‘Ah, mamãe, antigamente... antigamente...’ Acho que eles nem acredita que a gente viveu isso.” (*Informante B2/2011, 52 anos*)

“[...] no tempo que eu comecei a me entendê por gente, a conhecê, não existia vasilha de alumina, não existia fogão de gás, a panela que cozinhava nele era de barro, de puro barro que a gente fazia a panela. Aí **arrumava aquela pedra que falava canga, tacuru**, pra cozinhá no chão, botava panela encima dele, a lenha, e era assim que cozinhava. Tinha que sê a pedra canga pra não estorá e aguentá o fogo, porque outra pedra não aguentava.” (*Informante A1/2011, 93 anos*)

Trazemos presente a imagem registrada pela autora na casa do informante A2, 66 anos, para corroborar o registro oral:

Figura 24 - Tacuru em uso na casa de um dos informantes, feito de pedra canga (observar indicação da seta) e tendo como suporte a grade de uma janela – exemplo típico da vida urbana.

Fonte: Imagem fotográfica feita pela autora em fevereiro de 2012.

Ao observar os registros orais, bem como, a imagem trazida nessa discussão, temos como primeira evidência que o *tacuru* era um fogão artesanal formado pela junção de três pedras, na forma de um tripé, onde se assentavam as panelas para o cozimento. Nesse sentido, podemos também inferir que *tacuru* mantém uma estreita relação com *cupinzeiro* (elemento semântico-lexical já trazido à discussão no capítulo metodológico) que, segundo os informantes idosos entrevistados por Bertoldo (2007), também poderia ser utilizado como um tipo de fogão por sua resistência e ampla disponibilidade no cerrado. Contudo, apesar de termos disposto da imagem de um cupinzeiro para atender amplamente a lexia em estudo e suas variáveis, não registramos uso algum dessa palavra como sinônima de *tacuru*.

No entanto, *tacuru* enquanto sinônimo de *fogão artesanal* ou *fogão à lenha* não é a única acepção possível de ser lida e entendida pela fala de alguns moradores.

Os trechos transcritos a seguir possibilitam verificar a utilização de *tacuru* como nome atribuído à pedra que constitui esse tipo de fogão, divergindo da primeira acepção registrada.

“[...] no tempo que eu comecei a me entendê por gente, a conhecê, não existia vasilha de alumina, não existia fogão de gás, a panela que cozinhava nele era de barro, de puro barro que a gente fazia a panela. Aí **arrumava aquela pedra que falava canga, tacuru**, pra cozinhá no chão, botava panela encima dele, a lenha, e era assim que cozinhava. Tinha que sê a pedra canga pra não estorá e aguentá o fogo, porque outra pedra não aguentava.” (*Informante A1/2011, 93 anos*)

“Na ota hora a gente era simpres demais, pobrezinho agora tá tudo bem. **Três tacuru** no chão, com três (*faz os gestos*). Ah, por aqui que eu conocí, é de cozinhá comida no chão. **Arruma os três tacuruzinho** assim (*repete os gestos*) e co’a panela em cima. [...] Ah, arrumava uma panela em cima dele e tacava fogo nela pra cozinhá. Eu num sei de onde veio, é do lugar mesmo. Agora já não tem gente fazendo nesse. Agora tá tudo moderno, tem fogão comprado, mas ota hora no sítio era quase só esse que usava, pra fazê comida. Hoje já nem se usa más.” (*Informante A2/2011, 72 anos*)

Portanto, nos registros feitos nas falas dos grupos de informantes com idade superior a 50 anos, acima explicitados (os quais tiveram a ocorrência da lexia), temos duas realizações possíveis para *tacuru*: uma como sinônima da palavra fogão artesanal ou rústico feito de pedra canga; e outra como a própria pedra que forma o tripé para dispor as panelas durante o preparo dos alimentos.

Em um cenário totalmente adverso do já apontado, temos as realizações dos informantes mais jovens, os quais não se utilizam da lexia *tacuru* em nenhuma das acepções acima descritas, como podemos comprovar em dois registros feitos:

“Eu falo **fogão à lenha**. É feito de tijolo mesmo com uma chapa em cima. Nunca ouvi outra palavra. Não conheço nenhuma dessas aí.” (Informante B1/2011, 19 anos)

“Nunca vi e nem ouvi falá. Aqui o pessoal organiza assim com tijolo e chapa.” (Informante B1/2011, 21 anos)

Uma terceira informante dessa faixa etária enfatiza não conhecer o *tacuru*, mas acrescenta que o pai conhece e faz uso da palavra:

“Nunca vi um fogão feito no chão, só **fogão à lenha**. (*Após a entrevistadora mostrar a figura de um tacuru...*) Não, não conheço e nem sei como se fala. **Meu pai diz tacuru**, mas eu não falo isso e nem conheço esse tipo de fogão, porque hoje nem se usa mais.” (Informante B1/2011, 23 anos)

Cabe-nos aqui analisar se o desconhecimento a que se refere a informante B1, 23 anos, é por nunca ter usado ou visto em uso um *tacuru* (entendendo aqui a sua primeira acepção = fogão artesanal) ou se ouviu o pai falar e questionou do que se tratava e, por isso, sabe que é um vocábulo corrente no léxico dele, apenas. Se esta segunda hipótese é a verdadeira, então poderemos concluir que, a rede de informantes (pais – filhos) que, por vezes, é possível de se constituir na pesquisa *in loco*, não afeta diretamente o léxico dos grupos mais jovens, mas se solidifica como uma marca lexical dos pais, entendendo como possível de manutenção apenas no grupo dos mais velhos.

Nesse sentido, consideramos, ainda, que os informantes da faixa etária de 30 a 59 anos, aproximam-se mais das escolhas semântico-lexicais dos idosos ao identificarem e descreverem as lexias em estudo e, algumas vezes, também se utilizam das variantes presentes no falar dos mais jovens, levando-nos a ponderar que a influência (ou a interferência) semântico-lexical se dá pelos avós aos pais e, desses, aos filhos, retornando dos filhos aos pais (pela vivência, interação); mas, o

mesmo processo não acontece dos pais aos avós e, por isso, a manutenção é mais evidente entre informantes idosos com aqueles de 30 a 59 anos do que com os mais jovens.

Retomando a análise de *tacuru*, tem-se estreita proximidade entre as escolhas lexicais dos grupos *idosos* e dos pertencentes a primeira faixa etária inferior (30 a 59 anos) – ainda mais evidente do que quando comentamos a frequência de *bamburro* nesse grupo – pois todos os entrevistados dessa faixa etária denotaram conhecer a lexia e descreveram o objeto com a mesma tranquilidade e assertividade dos idosos. As variantes *fogo de chão*, *fogão de lenha* também foram utilizadas e, por seu contexto, pareceram-nos mais frequentes no vocabulário do que a própria lexia *tacuru*, especialmente por se tratar da realidade atual de muitas residências na Guia.

Desses informantes, extraímos:

“Era **fogo de chão**. A gente morava lá. Pra dizê a verdade quando nós mudamo pra cá, nem sabia o que era geladeira, o que era nada. Esses que fazia assim falava fogão de **tucuru** [...]”. (*Informante B2/2011, 52 anos*)

“**Tacuru** a gente costuma usar em qualquer lugar. Coloca três pedra – fala que tem que ser a pedra canga – a gente coloca as três pedra e, de preferência, cozinha com panela de barro.” (*Informante B2/2011, 39 anos*)

“É de **canga, tacuru**. Eu já vi usando, mas eu faço **fogão de lenha**. Faz tipo um alicercinho, que fala, e bota lenha. Desse eu já usei muito”. (*Informante B2, 36 anos*)

Quando nos voltamos às acepções registradas pelos dicionários investigados, temos em Freire (1922) que: “Tacurú² s.m. O mesmo que tacuruba. Tacuruba - s.f. Tupi itacuruba. Trempe, formada por três pedras soltas, em que se assenta a panela.” Para Aulete (1948): “1. sm. (Bras.) o mesmo que *tacuruba* – *Tacuruba* (Bras.) trempe formada por três pedras soltas em que assenta a panela”.

Ferreira (1986) destaca que **tacuru** vem do tupi e é um regionalismo de Mato Grosso que significa *cupim*.

O dicionário de Borba (2002) registra como: “Montículo de terra fofa feita por cupins, especialmente em lugares úmidos ou alagadiços, chegando a atingir mais de um metro de altura”, e Houaiss (2009) destaca que **tacuru** é o mesmo **tacuruba** que significa “tripé formado por três pedras soltas, sobre o qual se assenta a panela; itacurua, tacuru, tacurua.” Ainda, Houaiss registra essa lexia como um regionalismo brasileiro.

A variante **tucuru** utilizada por um dos informantes não tem registro nos dicionários, confirmando-se como uma variação fonético-fonológica e não semântico-lexical.

À exceção de Ferreira que registra a lexia como *cupim*, não cremos ser possível comparar o **tacuru** a um cupim ou cupinzeiro, apesar de se ver muitos cupinzeiros no cerrado mato-grossense e se ter a informação de que os povos indígenas ateavam fogo na base do cupinzeiro para a retirada das formigas, o que pode estar, de certo modo, correlacionado com o “fogão artesanal”; contudo, não podemos tomar a análise sob este ponto de vista porque, quando os idosos foram inquiridos a esse respeito (ao fato de se utilizar o cupinzeiro como um tipo de fogão), salientaram desconhecer essa prática e nunca ter visto tal uso.

Assim, ao tomarmos as acepções e confrontá-las com as descrições feitas pelos sujeitos pesquisados, estamos certos de haver manutenção semântico-lexical no falar do grupo com idade igual ou superior a 60 anos e naquele da faixa etária de 30 a 59 anos; porém, é um cenário adverso no grupo mais jovem, com evidente modernização da lexia.

4.3.3 Lexia de entrada *Bateia* e suas variantes

Antes mesmo de falarmos do substantivo *bateia*, cabe-nos lembrar que Guia nasceu a partir da descoberta de ouro às margens do rio Coxipó-Açu e, assim, os garimpeiros que vinham para a localidade em busca dessa riqueza, ali assentavam suas casas e famílias e foram constituindo, aos poucos, o distrito que hoje vislumbramos no interior de Mato Grosso.

Esse cenário interferiu no estilo de vida adotado pelos moradores, bem como nas escolhas lexicais desses falantes, dado o ambiente em que se inseriam e os contextos que nele produziam como condição de interação e desenvolvimento coletivo.

Afirmamos isso, face aos registros feitos com os informantes de 2007. Naquela oportunidade, ao serem inquiridos sobre o *estilo de vida (alimentação, utensílios domésticos, infância)* no distrito da Guia, os idosos mencionaram que:

“Os prato era de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado era só de madeira aí nós ia e comia junto co’minha vó, uma **bateia** assim de madeira. Era tipo uma **bateinha** assim redondinha assim, o povo costumava falá gamela, toda de oreinha de lado.” (*Informante 2007, 61 anos*)

“Gostava de come fedjão intero cozinjava aquele fedjão aí eu tirava, botava na **bateia** com petxê e comia. Eu gosto mais do cardo.” (*Informante 2007, 79 anos*)

Ao observarmos a produção lexical na fala desses informantes idosos, temos evidente que *bateia* – peça de garimpo utilizada para a limpeza da areia e retirada do minério – foi introduzida na cozinha como um substituto do prato, porque, na oportunidade, não havia “prato comprado” e tudo o que se possuía como utensílio doméstico era feito de madeira ou de barro – argila.

Para elucidarmos a relação existente entre *gamela* – *bateia* – *prato*, analisamos a afirmação de Tamba (2006), para quem as palavras podem ganhar

significação a partir das características que se atribuem a ela sem, contudo, estar explícita essa relação; ou seja, para os informantes que fizeram uso de *bateia*, e caracterizaram-na como *prato*, o instrumento de garimpo *redondinho e profundo* possuía características de um prato que favoreciam seu uso doméstico e, a realidade econômica da época, possibilitava (ou até mesmo exigia) essa utilização dada a necessidade de proveito múltiplo dos itens disponíveis.

Há que se destacar, contudo, que isolado o substantivo do contexto em que foi utilizado pelos informantes de 2007, não o teremos como sinônimo de *prato*, mas sim como um objeto representativo do primeiro, ou seja, *igual a*.

Já em 2011 não foi possível registrar *bateia* em significado diverso de instrumento exclusivo do garimpo e destinado à limpeza e lavagem da areia para a retirada do ouro. Mesmo no retorno aos idosos entrevistados por Bertoldo (2007), a lexia se mostrou inexistente enquanto sinônima de *prato*, mas bastante ocorrente no sentido que, de fato, destina-se:

“Na ota hora tinha muito garimpo aqui pertinho. Tinha garimpo ali pra cima. O pessoar vinha buscá oro. Mas os fazendero rico comprô tudo aí e não dexa más garimpá. Beira de rio tem garimpo ainda, mas os fazendero não dexa mais garimpá. Eu não trabalhei no garimpo no garimpo tem **bateia**, mas eu não uso não. O pessoar do garimpo usava pra garimpá oro. **Bateia** é de garimpá oro. Tipo um funil assim que usa pra garimpá o oro. Aí tem o oro e garimpa também com a **bateia**. Mas eu nunca usei... O pessoar pode até usar, mas como **prato não porque é muito grande assim**. Quando era criança tinha esses prato assiado, prato feito de barro. Eu mesmo comi muito, eu c’meu irmão. Minha mãe arrumava. Nas banda do Rio Manso tinha barro preto, dava panela, forno, forno pra fazê farinha tinha prato desse tamanho assim (faz gestos de prato grande, redondo) minha mãe fazia prato, panela. Minha mãe fazia muito. Tinha bastante fia moça e quando a fia ia casá minha mãe fazia muita panela e prato de barro e dava pras fia que ia casá. Era só desse que se usa. De uns tempo pra cá que se usa desse (aponta para os utensílios de alumínio que estão sobre a mesa.). Mas era bom... comia tudo nesses prato e panela de barro cozido. Ficava branquinho, bunito.”
(Informante A2, 2011, 72 anos)

“**Bateia?** Que garimpava com ele? Ah, sim eu vi. Era p’garimpa pá tirar oro. Pá tirá oro, um diamantinho. Mas pá comê fazia gamelinha de pau. Eu cheguei a comê nessa gamelinha de pau juntava aquela roda de criança, aí arrumava comida nele as criança rodeava nele e comia com a mão parecia porco, comia com a mão. Comia com a mão estilo porco porque num tinha cunhé. E fazia também do memo barro um pratinho redondinho, tigela de barro. Hoje em dia num existe mais... esse que era o prato nesses tempo que tinha era esse. Diz que a panela de barro faz comida mais gostosa do que as otra.” (Informante A1, 2011, 93 anos)

“Os prato era loceado... cuia... A **bateia** é bom pra lavá a vazia no lugar da gamela. Os prato era de barro... tinha, se fazia, mas se escapó acabô prato.” (Informante A1, 2011, 80 anos)

“Não, na cozinha não. Na minha época usava panela e prato de barro, né? Feito de barro... minha vó fazia muito disso. Minha vó fazia panela de barro. Era travessa que fazia, colher de pau. Nóis fazia festa e era tudo naquelas panela de barro que fazia. Nóis fazia festa. Mas aí foi acabando e ela precisô comprar panela de alumino.” (Informante A2, 2011, 82 anos)

“**Bateia** é penera de lavá cascalio. Carumbé era de madeira. Era uma gamela, tipo de uma gamela redonda, tudo redonda. Esse tempo que a madeira era... não precisava imendar a madeira. Eu num cheguei de vê usando na cozinha. O que usava às veiz em casa era a peneira de arame. As veiz eu num tava usando e daí usava em casa pra limpá um feijão, tirá as sujeira, né? Mas era a peneira... Eles fazia uma parte chamada pá... esse não vazava nada né. Esse era bom, não vazava nada, ficava só o arroz aí tirava a marinheira – aqueles caroço que não descascava tinha que catá.” (Informante A2, 2011, 83 anos)

“O garimpo que começo a história da Guia. Já vi uma **bateia**, mas nunca nem peguei na mão. Antigamente tudo era de ferro ou **de barro**. Minha mãe fazia requieirão e era tudo no barro. **A gamela era feita na madeira**. Agora tem umas gamela assim de alumínio a gente matava rez e salgava a rez numa gamela de tão grande. Tinha quatro orelha, coisinha redonda que eles chamava de orelha assim, de lado, que a gente usava pra garregá de um lado pro outro.” (*Informante A2, 2011, 76 anos*)

“Eles usavam muito a penera, a **bateia**, no lugar que tinha oro o diamante sai melhor na penera. Se eles discunfiava que tinha oro eles batia na **bateia** pra saí o oro, né?!” (*Informante A2, 2011, 66 anos*)

“Conheço **bateia** já vi lavando o oro, pra pegá o oro. **Bateia** é grandona, **fazê de prato num dá**.” (*Informante A2, 2011, 87 anos*)

Importante observar que os idosos entrevistados em 2007, os quais tiveram a lexia registrada nas suas falas, não foram inquiridos em 2011. O primeiro estava enfermo e impossibilitado de se comunicar e o segundo já havia falecido. Essa inacessibilidade inviabilizou que se comprovasse se **bateia** (no sentido de prato) ainda comporia o vocabulário desses informantes ou se já havia desaparecido.

A peça de garimpo também foi identificada e reconhecida pelos sujeitos de pesquisa da faixa etária de 30 a 59 anos; contudo, novamente, como de exclusiva utilização na mineração:

“Pelo o que eu to vendo aí parece **bateia**, não sei. Comendo eu nunca vi, só vejo minha mãe comentá que comia na gamelinha de pau num sei o quê... só que **na minha época já era prato**. Cheguei de vê muita gente cozinhá na lata... cheguei de vê. Num tinha panela, aí cozinjava naquela panela de banha, mas comê assim nunca vi.” (*Informante B2, 2011, 52 anos*)

“Isso é **bateia**, peneira. Já vi usando no garimpo e inclusive já dei uma experimentada pra ver como é. [...] Não vi usando na cozinha, como prato não, mas até acho apropriado.” (*Informante B2, 2011, 39 anos*)

“A pá... a peneira. **Bateia** dizem. Mas eu não me lembro de vê usando na cozinha como prato.” (*Informante B2, 2011, 36 anos*)

Nos informantes jovens – faixa etária de 19 a 29 anos – *bateia* não se mostrou produtiva nem mesmo como objeto de garimpagem. É preciso considerar também que o grupo não viu e nem viveu a época de garimpo da Guia, e o que sabe – se o conhece de fato – é pelas histórias ouvidas de que Guia, um dia, teve garimpo.

Como já discutimos no capítulo dedicado à metodologia, nesse grupo se utilizou de recurso visual para identificar as opções lexicais dos pesquisados. Assim, apenas as perguntas não foram suficientes para conseguir registrar o uso de *bateia*, de modo que o recurso das figuras foi bastante produtivo durante a investigação dessa lexia e, a partir desse instrumento, obtiveram-se os seguintes extratos:

“Não, nunca vi. Meu pai disse que é do garimpo, mas eu não conheço e não sei o nome.” (*Informante B1, 2011, 23 anos*)

“Eu nunca vi, mas tá parecendo uma cuia. Meu pai foi do garimpo, mas nunca me disse nada. Ele nunca contó a história bem, mas ele foi do garimpo. Nunca ouvi essa palavra.” (*Informante B1, 2011, 19 anos*)

“Eu acho que é uma gamela... meu vô tem! Meu vô usava pra fazê farinha. Ele colocava massa, ele imprensava naquele ingenho, impressava a massa, ficava bem sequinha e ele colocava lá dentro na gamela. Bateia? Nem sei o que é. Nunca ouvi falando isso.” (*Informante B1, 2011, 21 anos*)

“Pra isso aí eu digo prato. É eu digo prato. Bateia eu não conheço, eu falo prato e gamela pra quando é de madeira, feito na madeira. Mas você disse que é do garimpo né? Eu nunca vi um garimpo. Não sei o que é isso aí.” (*Informante B1, 2011, 20 anos*)

Em relação às acepções registradas nos dicionários tomados para este trabalho, temos, à exceção de Bluteau (1712) e Vieira (1871), **bateia** significando vaso com fundo afunilado ou cônico, que se utiliza para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.

Bluteau (1712) não registra **bateia** e sim **Bátega de Agoa**, destacando ser um termo rústico. E acrescenta: “Entre os ru[s]ticos, [s]e diz *bátega*, entre os marinheiros, aguaceiro.”

Vieira (1871) faz o registro de *Bátega* “(Do árabe *bateja*, prato corvo, gamella)” e sua acepção se aproxima, mesmo que parcialmente, da caracterização atribuída pelos informantes idosos de 2007: “vaso como bacia, para serviço de mesa.”

Embora não seja objeto de estudo deste trabalho, destacamos que alguns informantes pronunciaram **batlêi-a** e outros **batléi-a** e essa tal questão ortoépia, às vezes, dificultou a identificação da palavra questionada.

Uma vez analisados todos os itens a permearem o substantivo em discussão, pontuamos que: *Bateia* – enquanto utensílio doméstico – não é corrente no léxico dos informantes de 2011 e, muito menos, evidente no falar dos moradores mais jovens da Guia. Portanto, seu desaparecimento, no aspecto semântico-lexical em que a lexia foi registrada pela primeira vez, é um fato concreto no falar dos moradores da Guia. Sua manutenção – enquanto instrumento de garimpo – é presente na fala dos moradores com idade mais velhos, justamente, por terem, de certo modo, relação com a história da constituição da Guia; todavia, não é notória no grupo de faixa etária inferior.

CONCLUSÃO

Sabemos que as discussões aqui estabelecidas não são excludentes de outros olhares que poderão ser lançados sob o *falar* dos moradores do distrito de Nossa Senhora da Guia. Também estamos certos de que muitas outras análises serão feitas a partir de todos os trabalhos dialetológicos, sociolinguísticos ou geolinguísticos que se têm publicado no Brasil. Esse é o processo de pesquisa e o de fazer ciência. Afinal, só nos é possível investigar e discutir hoje as questões que envolvem a língua e a linguagem, porque outros pesquisadores se lançaram a esse desafio e nos deixaram – a seu modo – o legado para a continuidade da pesquisa.

Assim, ao observarmos os dados lexicais que coletamos e analisá-los numa perspectiva que envolve outras ciências além da linguagem, entendemos só ser possível compreender a mudança ou a manutenção de um elemento semântico-lexical a partir de outras questões sociais que o circundam. Teremos, então, uma análise linguística – com enfoque no léxico – somada a um panorama sociocultural e a uma concepção histórico-cultural, formulada pelos próprios sujeitos participantes desses processos: os informantes.

Sob esse enfoque, retomamos as perguntas que nos fizemos ao longo desta pesquisa: 1. Como detectar os *movimentos* gerados pela língua para que sejam capazes de transformar o léxico do falante? 2. Onde assentar os argumentos para justificar essas mudanças e marcá-las como modernizações? Ou então 3. Como levantar dados que indiquem um processo estático, ou seja, onde a língua se mantém sem grandes modernizações mesmo influenciadas pelo entorno?

Para respondê-las, buscamos auxílio nas propostas metodológicas da **dialetologia**, pois compreendemos, assim como destaca Cardoso (2010, p. 15): que esta ciência “[...] é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Portanto, na dialetologia respaldamos, com especial atenção, as discussões e análises deste trabalho.

A **sociolinguística** contribuiu também na tentativa de fazer compreender a mudança ou a manutenção presente no falar dos moradores da Guia, somando-se à dialetologia no que tange à análise “da diversidade de usos da língua” (CARDOSO, 2010, p. 26).

Sendo um “estudo do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes” (HOUAISS, 2009), as variáveis sociais discutidas como instrumento de pesquisa da sociolinguística possibilitaram delinear em que recorte social é possível se perceber a manutenção e/ou a variação/modernização dos termos.

Nesta tese, portanto, as variáveis *sexo* e *grau de escolaridade* não foram determinantes e nem influenciaram a manutenção e/ou variação semântico-lexical, já a variável *faixa etária* se mostrou definitiva para essa mudança, compreendendo dois cenários: *manutenção* na faixa etária acima de 60 anos nas lexias *bamburro* e *tacuru* e *variação/modernização* nos grupos de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos para todos os termos estudados.

Nessa perspectiva há que se considerar, ainda, outra evidência: os informantes pertencentes à faixa etária de 30 a 59 anos são mais propícios à manutenção das lexias estudadas do que a sua variação, mas a modernização desses termos em dado momento sugere mais uma tentativa de aproximação com o falar dos jovens e com as alterações econômico-sociais da Guia do que propriamente uma desconsideração do vocabulário adquirido e utilizado pelos mais velhos.

Sob esse enfoque trazemos presente as considerações de Willian Labov, citado por Calvet (2002), por considerar o processo de variação linguística organizado em três etapas, quais sejam:

Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais. (LABOV, *apud* CALVET, 2002, p. 87)

Como Labov, entendemos que, na Guia, o processo de manutenção e/ou variação semântico-lexical atendeu a duas perspectivas específicas: 1ª. A manutenção semântico-lexical como condição de preservação das raízes

socioculturais e étnico-históricas; 2ª. A mudança e variação como condição para interação com os mais jovens e adaptação à nova realidade do Distrito.

Todavia, que elementos denotam tais afirmativas?

Para elencar esses fatores, diferenciamos os dados coletados *in loco* em percentuais que demonstrem: 1º. Uma comparação entre os dois grupos de idosos tomados para a pesquisa, os quais se distinguem por A1 – idosos pertencentes à pesquisa realizada em 2007 e A2 – idosos selecionados para a pesquisa em 2011; 2º. Uma comparação entre os dois grupos da variável *faixa etária*, sendo: B1 – informantes de 19 a 29 anos e B2 – informantes de 30 a 59 anos.

A fim de comprovar a ocorrência da lexia de entrada ou a mudança semântico-lexical, os registros são separados e apresentados da seguinte maneira:

A **Tabela 6** identifica os dados registrados nos grupos A1 e A2 e, em vista disso, faz uma comparação exclusiva entre os falantes pertencentes a essa variável, observando: manutenção da lexia de entrada sem variação; manutenção da lexia de entrada com variação apenas no primeiro grupo; manutenção da lexia de entrada com variação apenas no segundo grupo; manutenção da lexia de entrada com variação idêntica com ou sem acréscimo no segundo grupo; manutenção da lexia de entrada com variação distinta entre os dois grupos; sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no primeiro grupo, sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no segundo grupo e sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no segundo grupo;

A **Tabela 7** traz os elementos agrupados dos entrevistados pertencentes a duas faixas etárias, identificadas como B1 (informantes com idade entre 19 e 29 anos) e B2 (informantes de 30 a 59 anos). Nesses grupos, as lexias também foram isoladas de acordo com cada quesito a ser analisado quanto à ocorrência da lexia de entrada e as suas variantes.

Assim, temos:

Tabela 7 – Dados comparativos entre os idosos – A1 e A2

Manutenção da lexia de entrada sem variação	Manutenção da lexia de entrada com variação apenas no primeiro grupo	Manutenção da lexia de entrada com variação apenas no segundo grupo	Manutenção da lexia de entrada com variação idêntica ao primeiro grupo com ou sem acréscimo no segundo grupo	Manutenção da lexia de entrada com variação distinta entre os dois grupos	Sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no primeiro grupo	Sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no segundo grupo	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no segundo grupo
Para BAMBURRO							
<i>Não há ocorrências</i>	Matinho Capoeira	Carravascá Charravascá Cerrado	Matinho	Capoeira Carravascá Charravascá Cerrado	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>
Para TACURU							
Tacuru	<i>Não há ocorrências</i>	Tacuruzinho	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>
Para BATEIA - (como sinônimo de prato)							
<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Prato de Barro Gamela de pau Gamelinha de pau Tigela	Prato de barro Gamela de pau	<i>Não há ocorrências</i>
12.5%	12.5%*	25%*	12,5%*	12,5%*	12,5%*	12,5%*	0%*

(*) Percentuais de ocorrência da lexia ou suas variantes, considerando as três lexias de entrada que perfazem 100%.

Tabela 8 – Dados comparativos entre informantes da faixa etária 19 a 59 anos - B1 e B2

Manutenção da lexia de entrada sem variação	Manutenção da lexia de entrada com variação apenas no primeiro grupo (B1)	Manutenção da lexia de entrada com variação apenas no segundo grupo (B2)	Manutenção da lexia de entrada com variação idêntica ao primeiro grupo com ou sem acréscimo no segundo grupo	Manutenção da lexia de entrada com variação distinta entre os dois grupos (B1 e B2)	Sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no primeiro grupo (B1)	Sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no segundo grupo (B2)	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações nos dois grupos (B1 e B2)
Para BAMBURRO							
<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Matagal Capoeira	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Matagal Lugar sujo Cheio de mato	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>
Para TACURU							
<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Fogo de chão Tucuru	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Fogão à lenha	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>
Para BATEIA - (como sinônima de <i>prato</i>)							
<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	<i>Não há ocorrências</i>	Cuia Prato Gamela de Pau	Prato Gamelinha de Pau	<i>Não há ocorrências</i>
0%*	0%*	25%*	0%*	0%*	37,5%*	12,5%*	0%*

(*) Percentuais de ocorrência da lexia ou suas variantes, considerando as três lexias de entrada que perfazem 100%.

Tabela 9 – Comparativo de Ocorrências – Dados Conclusivos

Lexias de entrada com manutenção no grupo dos idosos (A1 e A2) sem variação	Lexias de entrada sem manutenção no grupo dos idosos (A1 e A2) com variação	Lexias de entrada com manutenção no grupo mais jovem (B1) sem variação	Lexias de entrada sem manutenção no grupo mais jovem (B1) com variação	Lexias de entrada com manutenção no grupo intermediário (B2) sem variação	Lexias de entrada sem manutenção no grupo intermediário (B2) com variação
02 lexias: <i>Bamburro</i> <i>Tacuru</i>	01 lexia: <i>Bateia</i>	Não há ocorrências	03 lexias: <i>Bamburro</i> <i>Tacuru</i> <i>Bateia</i>	02 lexias: <i>Bamburro</i> <i>Tacuru</i>	01 lexia: <i>Bateia</i>

Evidências:

Lexias de entrada com tendência à manutenção no falar de todos os grupos de moradores pesquisados no distrito da Guia (desconsiderando a evidente manutenção de dois termos no grupo dos informantes mais velhos)	Lexias de entrada com evidente modernização e alteração do termo no falar dos moradores mais jovens do distrito da Guia
<i>Não há ocorrências</i>	<i>Bamburro, Tacuru e Bateia</i>

As informações acima traçam o panorama linguístico atual do distrito da Guia, ou seja, a evidente tendência à modernização e variação dos termos investigados, tendo em vista sua ineficiência – enquanto potencial comunicativo – na fala dos informantes mais jovens, os quais são os responsáveis diretos pela manutenção ou variação semântico-lexical da fala de uma comunidade.

Esta afirmativa é corroborada pelos índices pouco expressivos de manutenção semântico-lexical na fala do grupo de idosos entrevistados em 2011, quando comparados aos registros feitos em 2007. O que isso representa? A alteração no vocabulário desse grupo – tido inicialmente como o de maior potencial de manutenção – quiçá motivada pelas mudanças socioeconômicas da localidade por estar recebendo visitantes de outras regiões brasileiras que buscam se estabelecer na Guia para ocuparem vagas de emprego na empresa ali instalada, a viabilidade da continuidade dos estudos universitários na capital – Cuiabá e também a mobilidade desses moradores da Guia que trabalham em Cuiabá, são indícios de que, mesmo no grupo de moradores idosos, o vocabulário registrado, enquanto herança étnico-cultural, dá lugar à variação como condição de interação e inserção social.

Apesar de os idosos terem um grupo de convivência e participarem dele com seus pares (um dos informantes foi entrevistado no ponto de ônibus enquanto esperava a van que o levaria até o clube onde o grupo da terceira idade se reúne aos sábados para dançar), parece-nos pouco provável que, mesmo nessa variável (faixa etária igual ou superior a 60 anos), as escolhas lexicais se mantenham tais quais adquiridas e utilizadas com os pais.

Os moradores mais antigos da Guia (e aqui nos reportamos àqueles entrevistados em 2007, nascidos e criados na Guia *toda a vida* – como destacavam – e hoje falecidos) talvez fossem os únicos a guardarem, em seu vocabulário, a complexidade da herança lexical de seus pais e avós, justamente, porque acompanharam e viveram a época do surgimento e colonização da Guia. Contudo, essa realidade já não mais se faz presente.

É inegável que a linguagem a caracterizar esses moradores mais antigos que trazia toda a história de esforço para abrir os *bamburros* existentes na localidade se perderá e dará espaço para que as variações – mais latentes e mais próximas da

realidade atual – marquem, novamente, a história, ao olhar dos netos e bisnetos de ontem, que hoje já são pais e avós.

Podemos, ainda, ponderar que, talvez, a provocação feita durante a entrevista com alguns dos informantes idosos em 2007 tenha instigado a hipótese de manutenção semântico-lexical nesse grupo; contudo, o retorno é assertivo em nos demonstrar que as raízes linguísticas da Guia, neste momento, fazem parte da história, apenas isso.

Neste cenário de mudança semântico-lexical, deparamo-nos, porém, com alguns pontos de atenção abordados pelos informantes inquiridos nesta pesquisa, ao denotarem um movimento contrário ao crescimento e desenvolvimento da localidade: a precariedade na oferta de serviços públicos de saúde (o Distrito conta apenas com um “postinho de atendimento emergencial”, com uma técnica em enfermagem e um médico – clínico geral – que, esporadicamente, faz consultas e atendimentos); a falta de um posto bancário ou caixa eletrônico para o pagamento de contas e recebimento de aposentadorias e benefícios; inexistências de vagas de emprego no âmbito do Distrito para pessoas mais qualificadas ou na categoria “primeiro emprego” (o comércio é, evidentemente, primário e de atendimento às necessidades básicas. Há, apenas, um mercado com infraestrutura comercial; os demais estabelecimentos ocupam a parte da frente da casa e dividem espaço com os moradores/comerciantes).

Mas, então, por que os jovens ainda preferem morar na Guia se as dificuldades são tantas e tão evidentes? Porque, segundo uma informante de 21 anos, Guia é um bom lugar para se viver; é calmo, não tem tanto problema de violência, dá para sair à noite com os amigos pela rua, a praça ainda é um bom lugar de encontro e todos se conhecem. Diferentemente de Cuiabá, que respira ares de capital, onde a violência é diária e assustadora e as diferenças socioculturais são mais expressivas, Guia, na verdade, mantém as características de *lugarzinho do interior*, bom para receber as pessoas e bom para se viver.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

_____. **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina/PR: UEL, 1998.

_____. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina/PR: Eduel, 2005.

ALENCASTRO, Anibal. **Freguesia de Nossa Senhora da Guia**. Várzea Grande/MT: Fundação Julio Campos, 1993.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**, 3.ed., São Paulo: HUCITEC: INL-MEC, 1982.

ANDRADRE, Maria Margarida. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ed. Campo Grande/MS: 2001, 191-200.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Estudo semântico-lexical no distrito de Nossa Senhora da Guia**. São Paulo: 2007. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo/SP: Ática, 1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica** (Trad. Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2007.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4.ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. **Os estudos lingüísticos regionais**. IN: Boletim de Filologia, Rio de Janeiro, 1947.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística, tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. O Atlas lingüístico do Brasil – um projeto nacional. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina/PR: UEL, 1998.

_____. O Atlas Lingüístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina/PR: Eduel, 2005, 2-12.

_____. A geolinguística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. IN: **ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**: Florianópolis, 1999.

CARUSO, Pedro. **Metodologia da Pesquisa Dialeológica**. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina/PR: Eduel, 2005, 372-380.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil (ALiB) – Questionários 2001**. Londrina/PR: UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio; LAMAS, Óscar Loureda. **Linguagem e discurso** (Trad. Cecília Ines Hertal). Curitiba: UFPR, 2010.

_____. **El hombre y su lenguaje. Estudios de teoría y metodología lingüística**. Madrid/España: 1977.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. IN: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana Cristina (Org.). **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. 1.ed. São Paulo: Paulistana, 2012, 21-32.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social** (Trad. Izabel Magalhães). Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Carlota da Silveira. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia – Bahia). IN: **Diversidade do português do Brasil – estudos e estudos de dialectologia rural e outros**. Salvador: UFBA, 1988.

FERREIRA, Carlota da Silveira; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil – metodologia de trabalho dialetal, inquérito lingüístico e atlas dialetológico, regionalismos léxicos**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá/MT: Secretaria de Estado da Educação, 2001.

_____. SILVA, Pe. José de Moura e. **Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes**. Edição Especial. Cuiabá/MT: Buriti, 1999.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 (Coleção Linguagem).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª. Ed., São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

_____. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ISQUERDO, Aparecida Negri. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia** - 2.ed. Campo Grande - MS: UFMS, 2001.

_____; ALVES, Ieda Maria (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

LABOV, Willian. **Padrões sociolingüísticos**. (Trad. Marcos Bagno, Ma. Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. IN: PRETI, Dino (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A dimensão social das palavras. IN: SILVA, Luiz Antônio da (Org.). **A língua que falamos – português: história, variação e discurso**. 1.ed. São Paulo: Globo, 2005, 121-157.

MOTA, Jacyra Andrade. **Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos**. IN: _____; CARDOSO, Suzana Aline Marcelino (Org). Salvador: Quarteto, 2006, 239-259.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

NOGUEIRA, Albana Xavier. Notícias de um atlas em andamento. Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul – ALMS. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina/PR: UEL, 1998, 143-153.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e sentido do Brasil**. 2.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRÍGUEZ, Alma Silvia. La interacción Lengua-Cultura y El Desplazamiento Lingüístico: un caso de análisis. IN: **ASOCIACIÓN de Lingüística y Filología de la América Latina. Lingüística (ALFAL)**. Vol.14. 2002, 37-57.

SANTIAGO ALMEIRA, Manoel Mourivado. Português cuiabano: reflexo de crioulistmo? IN: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). **Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português Brasil – Portugal**. Campo Grande/MS: UFMS, 2008, 161-179.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Org.). **Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

_____. Tese de Doutorado. **Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana - Traços de Língua Antiga Preservados no Brasil**, 2000.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos regionais brasileiros. IN: CUNHA, Cláudia de Souza (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. 2006. 196p. 83-97.

_____. CRISTIANINI, Adriana Cristina (Org.). **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. 1.ed. São Paulo: Paulistana, 2012.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2.ed., Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, Antônio Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed., 1813.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cathia Maria Coelho. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: Guaicurus, 1990.

TAMBA, Irène. **A semântica**. (Trad. Marcos Marcionillo) 2.ed. rev. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá, MT: UFMT, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística** (Trad. Marcos Bagno; Rev. Carlos Alberto Faraco). São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros – esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina/PR: UEL, 1998.

Dicionários Utilizados nas Análises

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3ed., 1948.

BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulário português-latino**. (digitalizado), 1712-1728.

BORBA, Francisco S. **Dicionários de usos do Português do Brasil**. São Paulo/SP: Ática, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed., 1986

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**, 1922.

HOUAIS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 2009.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa**, 1871-1974.

MATERIAL DIGITAL CONSULTADO

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Biblioteca). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/cuiaba.pdf>
Acesso em 21/jan./2010

_____. (Cidade). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 21/jan./2010.

_____. (Notícias). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_n66oticia=17 Acesso em 25/fev./2011

_____. (Estatística). Disponível em http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/default_tab.shtm Acesso em 25/fev./2011

BRASIL. GOVERNO DE MATO GROSSO. (História). Disponível em: www.cuiaba.mt.gov.br/secretaria. Acesso em 22/mar./2010

BRASIL. PORTAL BRASIL. Estados. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/estados_mt.htm Acesso em 25/fev./2010

CUIABÁ. Dados históricos. Disponível em <http://www.achetudoeregiao.com.br/MT/cuiaba/historia.htm> Acesso em 24/fev./2011